

CARTAS DE SÃO PAULO
Carta aos Coríntios



PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS COMO SUPERAR OS CONFLITOS NA COMUNIDADE

INTRODUÇÃO

Corinto era uma rica cidade comercial, com mais de 500.000 habitantes, na maioria escravos. Nesse porto marítimo acotovelava-se gente de todas as raças e religiões à procura de vida fácil e luxuosa, criando ambiente de imoralidade e ganância. A riqueza escandalosa de uma minoria estava ao lado da miséria de muitos. Surgiu, inclusive, uma expressão: « Viver à moda de Corinto », que significava viver no luxo e na orgia.

Paulo, entre os anos 50 e 52, permaneceu aí durante dezoito meses (Act 18,1-18) e fundou uma comunidade cristã formada por pessoas da camada mais modesta da população (1Cor 1,26-28).

A primeira carta aos Coríntios foi escrita em Éfeso, provavelmente no ano 56. A comunidade já reproduzia, de certa maneira, o ambiente que se vivia na cidade. Ela também estava dividida: os grupos litigavam entre si, cada um apoiando-se na autoridade de algum pregador do Evangelho. Por isso, o primeiro objectivo de Paulo na carta é restabelecer a unidade, advertindo que o único chefe é Cristo, e Este não está dividido. Paulo aproveita da situação para traçar um retrato do verdadeiro agente de pastoral (1Cor 1--4). Depois, passa a denunciar os escândalos que invadem a comunidade: incesto, julgamento em tribunais pagãos, a imoralidade, e vai elaborando uma teologia do corpo: este é templo do Espírito Santo (1Cor 5-6).

Em seguida, responde a diversas perguntas formuladas pelos Coríntios. Na primeira série, procura orientar os cristãos sobre os estados de vida (1Cor 7): matrimónio ou celibato? divórcio ou indissolubilidade? o que pensar da virgindade? como devem comportar-se os noivos? as viúvas podem casar-se de novo? Em tudo isso, onde está a originalidade cristã? Ao responder sobre a questão da carne sacrificada aos ídolos (1Cor 8-10), coloca o fundamento da verdadeira liberdade cristã: o respeito pelos outros.

A carta também apresenta normas para que haja ordem e autêntico culto cristão nas assembleias litúrgicas (1Cor 11-14): entra na debatida questão do véu das mulheres; denuncia as diferenças de classe nas celebrações eucarísticas, e aí é taxativo: Eucaristia sem amor fraterno é impossível. Salienta igualmente que os carismas que fervilham na comunidade só têm sentido quando estão ao serviço dos irmãos, e se estão subordinados ao dom maior, que é o amor.

Por fim (1Cor 15), citando exemplos da natureza e da própria ressurreição de Cristo, demonstra que a ressurreição dos corpos é inquestionável: o cerne da fé é a certeza de que a vida vence a morte.

PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS

PRÓLOGO

1 Endereço e saudação — ¹Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo por vontade e chamamento de Deus, e o irmão Sóstenes, ²à Igreja de Deus que está em Corinto. Dirigimo-nos àqueles que foram san-

1,1-3: Desde o início, Paulo já salienta o aspecto da unidade, que é um dos temas fundamentais da carta: o único Senhor das Igrejas é Jesus Cristo.

4-9: A evangelização da comunidade de Corinto foi completa: ela recebeu a riqueza do Evangelho e da sabedoria da vida cristã. Este é outro tema importante da carta. Resta à comunidade perseverar no testemunho de Jesus Cristo até ao fim.

10-16: O que faz a unidade da comunidade cristã é o baptismo em nome de Jesus e a submissão a Ele como único Senhor. Os evangelizadores e chefes são apenas instrumentos para levar a comunidade a Jesus Cristo. Absolutizando as pessoas, ela divide-se, submetendo-se a outros senhores e falsificando a função dos chefes.

17-31: O projecto de Deus é contrário aos projectos dos homens. Os homens valorizam e dão lugar aos ricos, aos poderosos, aos intelectuais, aos que têm posição social, beleza física, facilidade de expressão, etc. Consequentemente, desprezam e não dão importância àqueles que não se encaixam nestes padrões. Deus, porém, subverte a sociedade e os projectos humanos:

tificados em Jesus Cristo e chamados a ser santos, juntamente com todos os que invocam em todo o lugar o Nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso. ³Graça e paz vos sejam dadas da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

Agradecimento — ⁴Sem cessar, agradeço a Deus por vossa causa, em vista da graça de Deus que vos foi concedida em Jesus Cristo. ⁵Pois em Jesus é que recebestes todas as riquezas, tanto da palavra como do conhecimento. ⁶Na verdade, o testemunho de Cristo tornou-se firme em vós, ⁷a tal ponto que não vos falta nenhum dom, a vós que esperais a Revelação de nosso Senhor Jesus Cristo. ⁸É Ele que também vos fortalecerá até ao fim, para que não sejais acusados no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo. ⁹O Deus que vos chamou para a comunhão com o seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor, Ele é fiel.

I. DIVISÕES NA COMUNIDADE

Cristo está dividido? — ¹⁰Peço-vos, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo: mantende-vos de acordo uns com os outros, para que não haja divisões. Sede estreitamente unidos no mesmo espírito e no mesmo modo de pensar. ¹¹Meus irmãos, alguns da casa de Cloé informaram-me de que entre vós existem contendidas. ¹²Eu explico-me. É que uns dizem: «Eu sou de Paulo!» E outros: «Eu sou de Apolo!» E outros mais: «Eu sou de Pedro!» Outros ainda: «Eu sou de Cristo!» ¹³Será que Cristo está dividido? Será que Paulo foi crucificado em vosso favor? Ou será que fostes baptizados em nome de Paulo?

¹⁴Agradeço a Deus o facto de eu não ter baptizado ninguém de vós, a não ser Crispo e Caio. ¹⁵Portanto, ninguém pode dizer que foi baptizado em meu nome. ¹⁶Ah! Sim. Baptizei também a família de Estéfanos. Fora deles, não me lembro de ter baptizado mais alguém.

Deus subverte os projectos humanos — ¹⁷De facto, Cristo não me enviou a baptizar, mas a anunciar o Evangelho, sem recorrer à sabedoria da linguagem, a fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo. ¹⁸Pois a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem. Mas, para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus. ¹⁹Pois a Escritura diz: «Destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos inteligentes». ²⁰Onde está o sábio? Onde está o homem culto? Onde está o argumentador deste mundo? Porventura Deus não tornou louca a sabedoria deste mundo? ²¹De facto, quando Deus mostrou a sua sabedoria, o mundo não reconheceu a Deus através da sabedoria. Por isso, através da loucura que pregamos, Deus quis salvar os que acreditam. ²²Os judeus pedem sinais e os gregos procuram a sabedoria; ²³nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos. ²⁴Mas, para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, Ele é o Messias, poder de Deus e sabedoria de Deus. ²⁵A loucura de Deus é mais sábia do que os homens e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens. ²⁶Portanto, irmãos, vós que recebestes o chamamento de Deus, vede bem quem sois: entre vós não há muitos intelectuais, nem muitos poderosos, nem muitos da alta sociedade. ²⁷Mas Deus escolheu o que é loucura no mundo, para confundir os sábios; e Deus escolheu o que é fraqueza no mundo, para confundir o que é forte. ²⁸E aquilo que o mundo despreza, acha vil e diz que não tem valor, foi isso que Deus escolheu para destruir o que o mundo pensa que é importante. ²⁹Deste modo, nenhuma criatura se pode orgulhar na presença de Deus. ³⁰Ora, é por iniciativa de Deus que existis em Jesus Cristo, o qual Se tornou para nós sabedoria que vem de Deus, justiça, santificação e libertação, ³¹a fim de que, como diz a Escritura: «Aquele que se gloria, que se glorie no Senhor».

para estabelecer e realizar os seus projectos, Ele alia-Se aos pobres, fracos e simples, porque estes não são auto-suficientes e abrem-se a Deus. É na pobreza e fraqueza destes que Deus manifesta a sua força (cf. 2Cor 12,9). E a manifestação máxima do poder e da graça de Deus é Jesus crucificado, pois a cruz é o símbolo da fraqueza, do fracasso e da vergonha, porque nela eram executados os criminosos. A verdadeira comunidade cristã é a dos pobres: ela está aliada à sabedoria do projecto de Deus; por isso, é portadora da novidade que provoca transformações radicais.

2,1-16: Paulo não se serviu de artificios humanos para anunciar o Evangelho aos Coríntios. Pelo contrário, foi através da sua fraqueza que ele anunciou o cerne do projecto de Deus:

2 A sabedoria de Deus — ¹Irmãos, eu mesmo, quando fui ter convosco, não me apresentei com o prestígio da oratória ou da sabedoria para vos anunciar o mistério de Deus. ²Entre vós, eu não quis saber outra coisa a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado. ³Estive no meio de vós cheio de fraqueza, receio e tremor; ⁴a minha palavra e a minha pregação não tinham brilho nem artifícios para seduzir os ouvintes, mas a demonstração residia no poder do Espírito, ⁵para que acrediteis, não por causa da sabedoria dos homens, mas por causa do poder de Deus. ⁶Na realidade, é aos perfeitos na fé que falamos de uma sabedoria que não foi dada por este mundo, nem pelas autoridades passageiras deste mundo. ⁷Ensinamos uma coisa misteriosa e escondida: a sabedoria de Deus, aquela que Ele projectou desde o princípio do mundo para nos levar à sua glória. ⁸Nenhuma autoridade do mundo conheceu tal sabedoria, pois se a tivessem conhecido não teriam crucificado o Senhor da glória. ⁹Mas, como diz a Escritura: «O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, foi isso que Deus preparou para aqueles que O amam». Deus, porém, revelou-o a nós pelo Espírito. ¹⁰Pois o Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as profundidades de Deus. ¹¹Quem conhece a fundo a vida íntima do homem é o espírito do homem que nele reside. Da mesma forma, só o Espírito de Deus conhece o que está em Deus. ¹²Quanto a nós, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para conhecermos os dons da graça de Deus. ¹³Para falar desses dons, não usamos a linguagem ensinada pela sabedoria humana, mas a linguagem que o Espírito ensina, falando de realidades espirituais em termos espirituais. ¹⁴Fechado em si mesmo, o homem não aceita o que vem do Espírito de Deus. É uma loucura para ele, e não pode compreender, porque são coisas que devem ser avaliadas espiritualmente. ¹⁵Ao contrário, o homem espiritual julga a respeito de tudo, e por ninguém é julgado. ¹⁶Pois, quem conhece o pensamento do Senhor para Lhe dar lições? Nós, porém, temos o pensamento de Cristo.

3 Imaturidade na fé — ¹Quanto a mim, irmãos, não pude falar-vos como a homens perfeitos na fé, mas apenas a uma gente fraca, como a crianças em Cristo. ²Dei--vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podíeis suportar. Nem mesmo agora podeis, ³pois ainda vos deixais levar por instintos egoístas. De facto, se entre vós há invejas e contendas, não será pelo facto de serdes guiados por instintos egoístas e por vos comportardes como qualquer um? ⁴Quando alguém declara: «Eu sou de Paulo», e outro diz: «Eu sou de Apolo», não estareis a comportar-vos como qualquer um?

Retrato do agente de pastoral — ⁵Quem é Apolo? Quem é Paulo? Apenas servidores, através dos quais fostes levados à fé; cada um deles agiu conforme os dons que o Senhor Lhe concedeu. ⁶Eu plantei, Apolo regou, mas era Deus que fazia crescer. ⁷Assim, aquele que planta não é nada, e aquele que rega também não é nada: só Deus é que conta, pois é Ele quem faz crescer. ⁸Aquele que planta e aquele que rega são iguais; e cada um vai receber o seu próprio salário, segundo a medida do seu trabalho. ⁹Nós trabalhamos juntos na obra de Deus, mas o campo e a construção de Deus sois vós.

¹⁰Eu, como bom arquitecto, lancei os alicerces conforme o dom que Deus me concedeu; outro constrói por cima do alicerce. Mas cada um veja como constrói! ¹¹Ninguém pode colocar um alicerce diferente daquele que já foi posto: Jesus Cristo. ¹²Se alguém constrói sobre o alicerce com ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno ou palha, ¹³a obra de cada um ficará em evidência. No dia do julgamento, a obra ficará conhecida, pois o julgamento vai ser através do fogo, e o fogo provará o que vale a obra de cada um. ¹⁴Se a obra construída sobre o alicerce resistir, o operário receberá uma

Jesus crucificado. Se os Coríntios chegaram à fé, foi pelo Espírito que agiu neles através de Paulo. Os cristãos que aprofundaram a fé possuem a verdadeira avasabedoria, que consiste no seguinte: Deus salva o mundo por meio de Jesus Cristo. Esta compreensão da fé é obra do Espírito; o homem que só confia na sua própria capacidade não consegue atingir essa compreensão.

3,1-4: Enquanto os cristãos condicionarem a própria fé à preferência por um pregador ou chefe, demonstram fé imatura. Agindo assim, estão a ser levados por princípios que dividem e que são contrários ao princípio básico que provém do Espírito: a unidade em Jesus Cristo.

5-17: Paulo serve-se de duas imagens (campo e edifício) para apresentar o verdadeiro agente de pastoral. Este é um servidor do projecto de Deus concretizado em Jesus Cristo e que consiste em reunir os homens no compromisso de fé com Jesus, cuja acção devem continuar. Se os agentes de facto servem a Cristo, nunca se contradizem. O sucesso não deve levar o agente à vanglória, pois o projecto não é seu; a eficácia vem de Deus, que também dá as aptidões e capacidades. A responsabilidade é grande, pois o agente deverá prestar contas ao próprio Deus, que provará quanto vale a obra de cada um.

recompensa. ¹⁵Aquele, porém, que tiver a sua obra queimada, perderá a recompensa. Entretanto, o operário salvar-se-á, mas como alguém que escapa de incêndio. ¹⁶Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? ¹⁷Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo, e esse templo sois vós.

Vós sois de Cristo — ¹⁸Ninguém se iluda. Se alguém de vós pensa que é sábio segundo os critérios deste mundo, torne-se louco para chegar a ser sábio; ¹⁹pois a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus. De facto, a Escritura diz: «Deus apanha os sábios na sua própria esperteza». ²⁰E ainda: «O Senhor conhece os pensamentos dos sábios e sabe que são um sopro». ²¹Portanto, ninguém coloque o seu orgulho nos homens, pois tudo vos pertence: ²²Paulo, Apolo, Pedro, o mundo, a vida, a morte, as coisas presentes e as futuras. Tudo é vosso; ²³mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus.

4 Só Deus pode julgar — ¹Que os homens nos considerem como servidores de Cristo e administradores dos mistérios de Deus. ²Ora, o que se espera dos administradores é que sejam dignos de confiança. ³Quanto a mim, pouco me importa ser julgado por vós ou por qualquer tribunal humano. Nem eu me julgo a mim mesmo. ⁴É verdade que a minha consciência de nada me acusa, mas isso não significa que eu esteja inocente: quem me julga é o Senhor. ⁵Ele porá às claras tudo o que se esconde nas trevas e manifestará as intenções dos corações.

Então, cada um vai receber de Deus o louvor que lhe corresponde.

Cristãos acomodados e Apóstolos perseguidos — ⁶Irmãos, vós obrigastes-me a aplicar estas verdades a Apolo e a mim. Aprendei a não vos sentirdes superiores por serdes partidários de um contra o outro. ⁷Vejam: em que és mais do que os outros? O que é que possuis que não tenhas recebido? ⁸Já estais ricos e satisfeitos e sentis-vos reis sem nós! Tomara mesmo que vos tivésseis tornado reis; assim nós também poderíamos reinar convosco! ⁹Pelo que vejo, Deus reservou o último lugar para nós que somos Apóstolos, como se estivéssemos condenados à morte, porque nos tornámos espectáculo para o mundo, para os anjos e para os homens! ¹⁰Nós somos loucos por causa de Cristo; e vós, como sois prudentes em Cristo! Nós somos fracos, vós sois fortes! Vós sois bem considerados, nós somos desprezados! ¹¹Até agora passámos fome, sede, frio e maus tratamentos; não temos lugar certo para morar; ¹²e esgotamo-nos, trabalhando com as nossas próprias mãos. Somos amaldiçoados, e abençoamos; perseguidos, e suportamos; ¹³caluniados, e consolamos. Até hoje somos considerados como o lixo do mundo, o esterco do universo.

Testemunho que educa — ¹⁴Não escrevo estas coisas para vos envergonhar, mas para vos chamar a atenção, como se faz com filhos queridos. ¹⁵De facto, ainda que tivésseis dez mil pedagogos em Cristo, não teríeis muitos pais, porque fui eu quem vos gerou em Jesus Cristo, através do Evangelho. ¹⁶Portanto, douvos um conselho: sede meus imitadores. ¹⁷Foi para isso que vos enviei Timóteo, meu filho amado e fiel no Senhor; ele fará com que vos lembreis das minhas normas de vida em Jesus Cristo,

18-23: A sabedoria do projecto de Deus critica e sobrepõe-se a todos os projectos da sociedade. Conhecendo e vivendo o projecto de Deus, a comunidade cristã é radicalmente livre e não deve dobrar-se diante de pessoas ou coisas, pois ela pertence unicamente a Cristo e a Deus.

4,1-5: Os agentes de pastoral são servidores de Cristo e trabalham para que o projecto de Deus seja conhecido e vivido. O que deles se espera é que sejam fiéis. Quem poderá julgá-los? O julgamento humano, que se baseia em códigos e opiniões socialmente estabelecidas, é sempre parcial e injusto, pois apoia-se em aparências e reflecte os conflitos de interesse dos grupos sociais. Só Deus pode fazer verdadeira justiça, pois só Ele conhece a totalidade e profundidade do homem, para além das aparências e interesses.

6-13: Paulo ironiza com a comunidade que imagina ter conseguido a maturidade cristã. Ao orgulho, contrapõe a condição dos Apóstolos perseguidos, para lembrar à comunidade que o Reino ainda não está realizado e que a Igreja vive sob o signo da cruz.

14-21: A comunidade pode ter muitos pedagogos (cf. nota em Gl 3,19-24), mas Paulo é o único pai: foi ele que, através do Evangelho, fundou a comunidade. Nesse tempo, o Evangelho ainda não era um documento escrito, mas o seu conteúdo vivo era anunciado e testemunhado concretamente pela pessoa do Apóstolo. Assim como o filho obedece ao pai que o educa e lhe transmite a herança, Paulo pede que a comunidade lhe obedeça, para que ele possa educá-la e transmitir-lhe a herança do Evangelho. Timóteo é enviado à comunidade como filho fiel: na pessoa deste, a comunidade poderá reconhecer o verdadeiro evangelho como herança de Paulo.

aquelas mesmas que eu ensino por toda a parte, em todas as Igrejas. ¹⁸Alguns encheram-se de orgulho, como se eu nunca mais fosse visitar-vos. ¹⁹Contudo, se o Senhor quiser, brevemente irei ter convosco, e então verei não o que esses orgulhosos dizem, mas o que fazem. ²⁰Pois o Reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder. ²¹Que preferis: que vos visite com a vara, ou com amor e suavidade?

II. ESCÂNDALOS CONTRA O TESTEMUNHO

5 1. Incesto — ¹Todos dizem que entre vós existe imoralidade, e tal imoralidade que não se encontra nem mesmo entre os pagãos, a ponto de uma pessoa conviver com a mulher do seu pai. ²E vós encheis-vos de orgulho em vez de ficardes tristes, para que o autor desse mal seja eliminado do meio de vós. ³Pois bem! Ausente de corpo, mas presente em espírito, como se estivesse presente, eu já fiz o julgamento daquele que fez isso. ⁴Em nome de nosso Senhor Jesus, vós e o meu espírito reunidos em assembleia com o poder de nosso Senhor Jesus, ⁵ vamos entregar esse homem a Satanás; humanamente ele ficará arrasado, mas o seu espírito será salvo no dia do Senhor. ⁶O motivo do orgulho que tendes não é coisa digna! Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda? ⁷Purificai-vos do velho fermento, para serdes massa nova, já que sois sem fermento. De facto, Cristo, nossa páscoa, foi imolado. ⁸Portanto, celebremos a festa, não com o velho fermento, nem com fermento de malícia e perversidade, mas com pães sem fermento, isto é, na sinceridade e na verdade. ⁹Na minha carta, escrevi-vos para não vos relacionardes com gente imoral. ¹⁰Não quis dizer que devíeis separar-vos dos imorais deste mundo, ou dos avarentos, ladrões e idólatras; se assim fosse teríeis que sair deste mundo! ¹¹Não! Escrevi que não deveis associar-vos com alguém que traz o nome de irmão, e no entanto é imoral, avarento, idólatra, caluniador, beberrão ou ladrão. Com pessoas assim, não deveis nem sequer sentar-vos à mesa. ¹²Porventura, compete a mim julgar aqueles que estão fora? Não são os de dentro que deveis julgar? ¹³Deus é quem vai julgar os que estão fora. Afastai do meio de vós o homem mau.

6 2. Julgamento em tribunais pagãos — ¹Quando alguém de vós tem uma questão com outro, como ousais levar o caso para ser julgado pelos pagãos e não pelos membros da comunidade? ²Então vós não sabeis que os cristãos é que vão julgar o mundo? E se é por vós que o mundo vai ser julgado, sereis vós indignos de julgar coisas menos importantes? ³Não sabeis que nós haveremos de julgar os anjos? Quanto mais as coisas da vida quotidiana! ⁴No entanto, quando tendes processos desta vida para serem julgados, tomais como juízes pessoas que não têm autoridade na Igreja. ⁵Digo isto para que vos envergonheis. Será que entre vós não existe ninguém suficientemente sábio para servir de juiz entre os irmãos? ⁶No entanto, um irmão é intimado em juízo por outro irmão, e isto diante de infieis! ⁷Só o facto de existirem questões entre vós já mostra que falhastes completamente. Não seria melhor sofrer uma injustiça? Não seria melhor ser roubado? ⁸Pelo contrário, sois vós que roubais e cometeis injustiça; e isto com os próprios irmãos! ⁹Não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não vos iludais! Nem os imorais, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, ¹⁰nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os caluniadores irão herdar o Reino de Deus. ¹¹Alguns de vós eram assim. Mas lavastes-vos,

5,1-13: Paulo recrimina um comportamento que nem mesmo a lei judaica e o direito romano tolerariam. «Entregar a Satanás» significa expulsar da comunidade. Deste modo, o imoral tomará consciência da sua culpa e poderá arrepende-se; assim a comunidade livrar-se-á do mau exemplo que provocaria contágios. Paulo usa a imagem do fermento em sentido oposto ao dos Evangelhos (cf. Mt 13,33). Ele não deseja que a comunidade seja uma espécie de «gueto» no mundo; trata-se de viver no mundo sem estar comprometido com o mundo (cf. Jo 17,14-15).

6,1-11: Pelo baptismo, os cristãos tornaram-se irmãos em Cristo e participam da mesma esperança do Reino. Como podem estes irmãos litigar entre si? Pior ainda, como podem recorrer a tribunais pagãos para dirimir conflitos? Estamos longe do espírito do Evangelho (cf. Mt 5,38-48). Paulo não condena os tribunais do seu tempo, mas critica o espírito de competição e a ausência de discernimento na comunidade.

12-20: Paulo enfrenta uma falsa concepção de liberdade, extremamente permissiva em questões de vida sexual. Como princípio, ele salienta que nem tudo convém à condição cristã. Por outras palavras: o cristão deve saber discernir o que leva ao crescimento e à realização da pessoa humana. Uma vez que foi resgatado por Cristo para viver a liberdade, não deve deixar-se escravizar de novo, nem mesmo pelo próprio corpo, muitas vezes injuriando o próprio corpo.

fostes santificados e reabilitados pelo Nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus. 3. A imoralidade — ¹²«Posso fazer tudo o que quero». Sim, mas nem tudo me convém. «Posso fazer tudo o que quero», mas não deixarei que nada me escravize. ¹³«Os alimentos são para o estômago e o estômago para os alimentos». Sim, mas Deus destruirá tanto aquele como estes. Ora, o corpo não é para a imoralidade mas para o Senhor; e o Senhor é para o corpo. ¹⁴Deus, que ressuscitou o Senhor, ressuscitar-nos-á também pelo seu poder. ¹⁵Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei, então, os membros de Cristo para os fazer membros de uma prostituta? Claro que não! ¹⁶E vós não sabeis que aquele que se une a uma prostituta forma com ela um só corpo? Pois assim está na Escritura: «Os dois serão uma só carne». ¹⁷Ao contrário, aquele que se une ao Senhor forma com Ele um só espírito. ¹⁸Fugi da imoralidade. Qualquer outro pecado que o homem comete é exterior ao seu corpo; mas quem se entrega à imoralidade peca contra o seu próprio corpo. ¹⁹Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que está em vós e vos foi dado por Deus? Vós já não pertenceis a vós mesmos. ²⁰Alguém pagou alto preço pelo vosso resgate. Portanto, glorificai a Deus no vosso corpo.

III. RESPOSTA A DIVERSOS PROBLEMAS

1. ESTADOS DE VIDA

7 Matrimónio ou celibato? — ¹Passemos agora ao que me escrevestes: «É bom que o homem se abstenha de mulher». ²Todavia, para evitar a imoralidade, cada homem tenha a sua esposa, e cada mulher o seu marido. ³O marido cumpra o dever conjugal para com a esposa, e a esposa faça o mesmo com o marido. ⁴A esposa não é dona do seu próprio corpo, mas sim o marido. Do mesmo modo, o marido não é dono do seu próprio corpo, mas sim a esposa. ⁵Não se recusem um ao outro, a não ser que estejam de comum acordo e por algum tempo, para se entregarem à oração; depois disso, voltem a unir-se, a fim de que Satanás não os tente por não poderem dominar-se. ⁶Digo isto como concessão, e não como ordem. ⁷Eu gostaria que todos os homens fossem como eu. Mas cada um recebe de Deus o seu dom particular; um tem este dom, e outro tem aquele.

⁸Aos solteiros e às viúvas, digo que seria melhor que ficassem como eu. ⁹Mas, se não são capazes de dominar os seus desejos, então casem-se, pois é melhor casar-se do que ficar abrasado. ¹⁰Aos que estão casados, ordeno. Aliás, não eu, mas o Senhor: a esposa não se separe do marido; ¹¹e caso venham a separar-se, não se case de novo, ou então reconcilie-se com o marido. E o marido não se divorcie da sua esposa. Viver unido ou separar-se? — ¹²Aos outros, sou eu que digo, não o Senhor: Se algum irmão tem esposa que não é cristã, e ela concorda em viverem juntos, não se divorcie dela. ¹³E se alguma mulher tem marido que não é cristão, e ele concorda em viverem juntos, não se divorcie dele. ¹⁴Pois o marido não cristão é santificado pela esposa cristã; e a esposa não cristã é santificada pelo marido cristão. Se assim não fosse, os seus filhos seriam impuros, quando na realidade são consa-

7,1-11: Alguns convertidos de Corinto pensam que o matrimónio esteja ultrapassado: uns pregam a liberdade sexual, outros vêem o celibato como condição única de viver o Evangelho. Diante de tais exageros, a orientação de Paulo é extremamente realista: consciente das necessidades e da fragilidade humana, ele coloca no devido lugar tanto o celibato como o matrimónio. O celibato goza das preferências de Paulo; no entanto, mostra que se trata de um dom, uma vocação, que para o celibatário não significa nenhum mérito. O matrimónio é o lugar por excelência da união e da vida sexual; união indissolúvel, feita de dom e disponibilidade recíproca (cf. Ef 5,4-33). Quanto ao divórcio, Paulo ensina a mesma coisa que os Evangelhos (cf. Mt 19,9 e paralelos).

12-16: Uma questão típica das primeiras gerações cristãs: que fazer quando um dos cônjuges não se converte à fé cristã? Paulo quer a todo o custo preservar a união matrimonial e confia na boa influência do cônjuge cristão. Contudo, se a relação se torna impossível, o cônjuge não cristão, e só ele, pode tomar a decisão de separar-se. Isso mostra que Paulo entende a indissolubilidade como algo estritamente ligado à fé cristã.

17-24: O Evangelho não se dirige a determinada raça, grupo ou casta social; ele é aberto a todos. Na visão de Paulo, o convertido não deve estar preocupado em mudar de posição na escala social. O que importa é compreender que a condição cristã implica uma novidade radical: o único Senhor que está sobre todos é Jesus Cristo; n'Ele todos são livres e só a Ele devem submeter-se. Deste modo, Paulo vê a comunidade cristã como semente de uma sociedade igualitária, onde todos os homens são chamados a ser livres e a encontrarem a própria dignidade.

grados a Deus. ¹⁵Se o não cristão quiser separar-se, que se separe. Nesse caso, o irmão ou irmã não estão vinculados, pois foi para viver em paz que Deus nos chamou. ¹⁶Na verdade, ó mulher, como podes ter a certeza de que salvarás o teu marido? E tu, marido, como podes saber que salvarás a tua mulher? Qual a novidade de ser cristão? — ¹⁷De resto, cada um continue a viver na condição em que o Senhor o colocou, tal como vivia quando foi chamado. É o que ordeno em todas as Igrejas. ¹⁸Alguém foi chamado à fé quando já era circuncidado? Não procure disfarçar a sua circuncisão. Alguém não era circuncidado quando foi chamado à fé? Não se faça circuncidar. ¹⁹Não tem nenhuma importância estar ou não estar circuncidado. O que importa é observar os mandamentos de Deus. ²⁰Cada um permaneça na condição em que se encontrava quando foi chamado. ²¹Eras escravo quando foste chamado? Não te preocupes com isso. Mas, se podes tornar-te livre, não deixes passar a oportunidade. ²²Porque o escravo, que foi chamado no Senhor, é liberto no Senhor. Da mesma forma, aquele que era livre quando foi chamado, é escravo de Cristo. ²³Alguém pagou alto preço pelo vosso resgate: não vos torneis escravos de homens. ²⁴Irmãos, cada um permaneça diante de Deus na condição em que se encontrava quando foi chamado. E a virgindade? — ²⁵Quanto às pessoas virgens, não tenho nenhum preceito do Senhor. Porém, como homem que pela misericórdia do Senhor é digno de confiança, dou apenas um conselho: ²⁶considero boa a condição das pessoas virgens, por causa das angústias presentes. Claro, é bom que o homem continue assim. ²⁷Estás ligado a uma mulher? Não te separe. Não estás ligado a uma mulher? Não procures mulher. ²⁸Contudo, se casares, não estarás a cometer pecado; e se uma virgem se casar, não comete pecado. No entanto essas pessoas terão que suportar fardos pesados, e eu desejaria poupar-vos. ²⁹Uma coisa vos digo, irmãos: o tempo tornou-se breve. De agora em diante, aqueles que têm esposa comportem-se como se não a tivessem; ³⁰aqueles que choram, como se não chorassem; aqueles que se alegram, como se não se alegrassem; aqueles que compram, como se não possuíssem; ³¹os que tiram partido deste mundo, como se não desfrutassem. Porque a aparência deste mundo é passageira. ³²Eu gostaria que estivésseis livres de preocupações. Quem não tem esposa, cuida das coisas do Senhor e do modo de agradar ao Senhor. ³³Quem tem esposa, cuida das coisas do mundo e de como agradar à esposa, ³⁴e fica dividido. Assim também, a mulher solteira e a virgem cuidam das coisas do Senhor, a fim de serem santas de corpo e espírito. Mas a mulher casada cuida das coisas do mundo e de como possa agradar ao marido. ³⁵Digo isto para o vosso bem, não para armar uma cilada; simplesmente para que façais o que é mais nobre e possais permanecer sem distração junto do Senhor. Como decidir? — ³⁶Se alguém, transbordando de paixão, acha que não conseguirá respeitar a noiva, e que as coisas devem seguir o seu curso, faça o que quiser. Não peca; que se casem. ³⁷Ao contrário, se alguém, por firme convicção, sem constrangimento e no pleno uso da sua vontade, resolve respeitar a sua noiva, está agindo bem. ³⁸Portanto, quem se casa com a sua noiva faz bem; e quem não se casa, procede melhor ainda. As viúvas podem casar-se de novo? — ³⁹A esposa está ligada ao marido durante todo o tempo em que ele viver. Se o marido morrer, ela ficará livre para casar-se com quem quiser; mas apenas no Senhor. ⁴⁰A meu ver, porém, ela será mais feliz se ficar como está. Penso que eu também possuo o Espírito de Deus.

2. AS CARNES SACRIFICADAS AOS ÍDOLOS

8 Só o amor sabe discernir — ¹Quanto às carnes sacrificadas a ídolos, «sabemos que todos nós temos conhecimento». Mas o conhecimento envaidece; o amor é que constrói. ²Quando alguém julga ter alcançado o saber, é porque ainda não sabe onde está o verdadeiro conhecimento. ³Ao contrário, se alguém ama a Deus, é conhecido por Deus. ⁴Portanto, quanto ao consumo de carnes

25-35: Para a Igreja primitiva eram iminentes o fim do mundo e a manifestação final e gloriosa de Jesus (vv. 29.31). É nessa perspectiva que podemos compreender muitos conselhos referentes ao matrimónio, ao celibato e à virgindade: se o fim está próximo, para quê casar-se e ter filhos? Na visão de Paulo, a virgindade é vista como um dom total da própria vida ao Senhor, como maneira de empenhar-se totalmente no testemunho do Evangelho. Jesus já destacava a grandeza do celibato na consagração radical a Deus e ao Reino, mas sem o impor (cf. Mt 19,10-12).

36-38: Trata-se talvez de um noivo que sente forte o estímulo do desejo sexual, mas se vê pressionado pelo ideal celibatário, apresentado por alguns da comunidade como única maneira de realização cristã. Paulo dá ao noivo ansioso plena liberdade para se decidir.

39-40: Paulo deixa total liberdade para as viúvas se casarem de novo, mas apenas com cônjuge cristão («no Senhor»). Sobre o conselho de «ficar como está», cf. nota em 7,25-35.

8,1-13: As carnes sacrificadas a ídolos eram carnes de animais oferecidas nos templos pagãos. Uma parte, não utilizada

imoladas a ídolos, «sabemos que um ídolo não é nada no mundo, e não existe outro deus a não ser o Deus único». ⁵É verdade que existem aqueles que são chamados deuses, tanto no Céu como na Terra, e neste sentido há muitos deuses e muitos senhores. ⁶Contudo para nós existe um só Deus: o Pai. D'Ele tudo procede, e é para Ele que existimos. E há um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por meio do qual também nós existimos. ⁷Mas nem todos têm esse conhecimento. Alguns, até há pouco acostumados ao culto dos ídolos, comem a carne dos sacrifícios como se fosse realmente oferecida aos ídolos. E a consciência deles, que é fraca, fica manchada. ⁸Não são os alimentos que nos aproximam de Deus: se deixamos de comer, nada perdemos; e se comemos, nada lucramos. ⁹Cuidai, porém, que a vossa liberdade não se torne ocasião de queda para os fracos. ¹⁰Tu tens a consciência esclarecida: mas alguém te vê sentado à mesa num templo de ídolo, será que esse alguém, tendo consciência fraca, não se verá arrastado a comer carne sacrificada aos ídolos? ¹¹Deste modo, por causa do conhecimento que tendes, perecerá o fraco, esse irmão pelo qual Cristo morreu. ¹²Se pecais assim contra os próprios irmãos e feris a consciência deles, que é fraca, é contra Cristo que pecais. ¹³Ora, se um alimento for motivo de queda para o meu irmão, deixarei de comer carne para sempre, a fim de não causar a queda do meu irmão.

9 Renunciar por amor — ¹Acaso não sou livre? Não sou Apóstolo? Não vi Jesus nosso Senhor? E vós não sois obra minha no Senhor? ²Ainda que para outros eu não seja Apóstolo, ao menos para vós eu sou-o; porque o selo do meu apostolado no Senhor sois vós. ³Esta é a minha resposta para aqueles que me acusam. ⁴Será que não temos o direito de comer e beber? ⁵Ou não temos o direito de levar connosco nas viagens uma mulher cristã, como fazem os outros Apóstolos e os irmãos do Senhor, e Pedro? ⁶Ou somente eu e Barnabé não temos o direito de ser dispensados de trabalhar? ⁷Alguém vai à guerra alguma vez, com os seus próprios recursos? Quem é que planta uma vinha, e não come do seu fruto? Quem apascenta um rebanho, e não se alimenta do leite do rebanho?

⁸Será que estou dizendo isto apenas como considerações humanas? E a Lei, não diz a mesma coisa? ⁹De facto, na Lei de Moisés está escrito: «Não açaimarás o boi que debulha o grão». Por acaso, é com os bois que Deus Se preocupa? ¹⁰Não será por causa de nós que Ele fala assim? Claro que é por causa de nós que isto foi escrito. De facto, aquele que trabalha deve trabalhar com esperança de receber a sua parte. ¹¹Se semeamos bens espirituais em vós, será muito colher bens materiais de vós? ¹²Se outros exercem sobre vós tal direito, porque não o poderíamos nós, e com maior razão? Todavia, não usamos esse direito. Pelo contrário, tudo suportamos para não criar obstáculo ao Evangelho de Cristo. ¹³Não sabeis que aqueles que desempenham funções sagradas vivem dos rendimentos do templo? E que aqueles que servem ao altar têm parte no que é oferecido sobre o altar? ¹⁴Da mesma forma, o Senhor ordenou que aqueles que anunciam o Evangelho vivam do Evangelho. Tornar-se disponível e solidário — ¹⁵Contudo, não tirei vantagem dos meus direitos. E agora não estou a escrever para reclamar coisa alguma. Antes morrer que... Não! Ninguém me tirará este título de glória. ¹⁶Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; pelo contrário, é uma necessidade que me foi imposta. Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho! ¹⁷Se eu o anunciasse de própria iniciativa, teria direito a um salário; no entanto, já que o faço por obrigação, desempenho um cargo que me foi confiado. ¹⁸Qual é então o meu salário? É que, pregando o Evangelho, prego-o gratuitamente, sem usar dos direitos que a pregação do Evangelho me confere. ¹⁹Embora eu seja livre em relação a todos, tornei-

nos banquetes sagrados, era vendida no mercado (10,25) ou consumida nas dependências do templo pagão (8,10). Pode-se comer dessas carnes? Os cristãos mais esclarecidos dizem que sim; os mais escrupulosos dizem que é idolatria. Paulo dirige-se aos «escrupulosos» e afirma que eles são pouco sábios. De facto, há um só Deus vivo e os ídolos não são nada. Por isso, pode-se comer das carnes sacrificadas; entretanto, os «esclarecidos» esquecem o princípio supremo da sabedoria: o amor.

9,1-14: Paulo apresenta-se como exemplo para os que têm consciência «esclarecida». O missionário tem o direito de ser sustentado pela comunidade nas necessidades materiais. Paulo, contudo, renunciou a isso para não criar obstáculos à evangelização. A vida cristã é sempre comunitária e cada um é responsável pelos outros; por isso, deve ser capaz de renunciar aos direitos da própria liberdade para testemunhar o primado do amor.

15-27: Paulo não reivindica nenhum direito. Não considera o seu ministério como profissão, da qual poderia tirar proveito e prestígio, mas como missão, na qual o Senhor o empenhou pessoalmente. Paulo vive a liberdade radical, que o leva a tornar-se disponível e solidário para com todos. Usando as imagens do atletismo e do pugilato, Paulo incentiva os sentoucrístãos a lutarem pela fé; e isso não pode ser feito sem séria disciplina.

me o servo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. ²⁰Com os judeus, comportei-me como judeu, a fim de ganhar os judeus; com os que estão sujeitos à Lei, comportei-me como se estivesse sujeito à Lei — embora eu não esteja sujeito à Lei —, a fim de ganhar aqueles que estão sujeitos à Lei. ²¹Com aqueles que vivem sem a Lei, comportei-me como se vivesse sem a Lei, — embora eu não viva sem a lei de Deus, pois estou sob a lei de Cristo —, para ganhar aqueles que vivem sem a Lei. ²²Com os fracos, tornei-me fraco, a fim de ganhar os fracos. Tornei-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a qualquer custo. ²³Faço tudo isto por causa do Evangelho, para me tornar participante dele. ²⁴Não sabeis que no estádio todos os atletas correm, mas só um ganha o prémio? Portanto, correi, para conseguir o prémio. ²⁵Os atletas abstêm-se de tudo; eles, para ganhar uma coroa perecível; nós, para ganharmos uma coroa imperecível. ²⁶Quanto a mim, também eu corro, mas não como quem vai sem rumo. Pratico o pugilato, mas não como quem luta contra o ar. ²⁷Trato com dureza o meu corpo e subme-to-o, para não acontecer que proclame a mensagem aos outros, e eu mesmo venha a ser reprovado.

10 Aprender da História — ¹Irmãos, não quero que ignoreis uma coisa: todos os nossos antepassados estiveram sob a nuvem; todos atravessaram o mar ²e, na nuvem e no mar, todos receberam um baptismo que os ligava a Moisés. ³Todos comeram o mesmo alimento espiritual, ⁴e todos beberam a mesma bebida espiritual, pois bebiam de uma rocha espiritual que os acompanhava; e essa rocha era Cristo. ⁵Apesar disso, a maioria deles não agradou a Deus e caíram mortos no deserto. ⁶Ora, esses factos aconteceram como exemplo para nós, para que não cobicemos coisas más, como eles cobiçaram. ⁷Não vos torneis idólatras, como alguns deles, conforme está na Escritura: «O povo sentou-se para comer e beber; depois levantaram-se para se divertir». ⁸Nem nos entreguemos à imoralidade, como alguns deles se entregaram, de modo que num só dia morreram vinte e três mil. ⁹Não tentemos ao Senhor, como alguns deles tentaram, e morreram vitimados pelas serpentes. ¹⁰Não murmureis, como alguns deles murmuraram, e pereceram às mãos do anjo exterminador.

¹¹Tais coisas aconteceram-lhes como exemplo, e foram escritas para nossa instrução, a nós que vivemos no fim dos tempos. ¹²Portanto, aquele que julga estar de pé tome cuidado para não cair. ¹³Não fostes tentados além do que podíeis suportar, porque Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças. Mas, juntamente com a tentação, ele também vos dará os meios de sair dela e a força para a suportar.

Não pactuar com a idolatria — ¹⁴Por isso, amados, fugi da idolatria. ¹⁵Falo-vos como a pessoas sensatas; julgai vós mesmos o que digo. ¹⁶O cálice da bênção que abençoamos não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo? ¹⁷E como há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, pois participamos todos desse único pão. ¹⁸Considerai o povo de Israel: quando comem as vítimas sacrificadas, não estão em comunhão com o altar? ¹⁹E o que quero eu dizer com isto? Que a carne sacrificada aos ídolos seja alguma coisa? Ou que os próprios ídolos sejam alguma coisa? ²⁰Não! O que digo é o seguinte: aquilo que os pagãos sacrificam, sacrificam-no aos demónios, e não a Deus. Ora, eu não quero que entreis em comunhão com os demónios. ²¹Vós não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demónios. Não podeis participar

10,1-13: Paulo faz uma releitura do Antigo Testamento, mostrando que a História é um exemplo e instrução para a comunidade cristã, que vive a etapa final dessa mesma História (v. 11). Segundo as tradições dos rabinos, a rocha golpeada por Moisés (cf. Nm 20,1-13) seguia os hebreus para os abastecer de água. Essa interpretação é aqui usada para dizer que Cristo conduz o povo desde os tempos do Êxodo. O comportamento dos hebreus daquele tempo torna-se advertência para que os cristãos se mantenham fiéis, confiando no apoio de Deus.

14-22: Participar no culto é entrar em comunhão com a divindade à qual se presta culto. Paulo opõe radicalmente a Eucaristia aos banquetes sagrados dos cultos pagãos, dizendo que é urgente a opção e coerência dos cristãos. Ao mesmo tempo salienta o lugar central da celebração eucarística: a Eucaristia exprime e cria a unidade do Corpo de Cristo, que é a Igreja.

10,23-11,1: A interpretação individualista da liberdade não é cristã. O livre agir do cristão está submetido a valores maiores: a solidariedade comunitária e a responsabilidade pelo crescimento e amadurecimento comum de todos. Para atingir esses valores é que existe a liberdade. A auto-suficiência e o isolamento egoísta criam uma falsa liberdade. E a liberdade cristã consiste em viver como filhos de Deus e irmãos dos outros. Dar glória a Deus é reconhecer que só Deus é absoluto. Ser irmão dos outros é viver a solidariedade para crescer com eles. Paulo apresenta-se como modelo a imitar, pois tem consciência de ser o «Evangelho vivo», isto é, de viver na sua vida o próprio comportamento de Jesus.

da mesa do Senhor e da mesa dos demónios. ²²Ou queremos provocar o ciúme do Senhor? Seríamos nós mais fortes do que Ele? Liberdade e discernimento cristão — ²³«Tudo é permitido». Mas nem tudo convém. «Tudo é permitido». Mas nem tudo edifica. ²⁴Ninguém procure satisfazer os seus próprios interesses, mas os do próximo. ²⁵Comei de tudo o que se vende no mercado, sem levantar dúvidas por motivo de consciência, ²⁶pois a Terra e tudo o que ela contém pertence ao Senhor. ²⁷Se algum pagão vos convidar e aceitardes o convite, comei de tudo o que vos for oferecido, sem levantar dúvidas por motivo de consciência. ²⁸Mas se alguém vos disser: «Isto é carne sacrificada aos ídolos», não comais, por causa daquele que vos avisou e por motivo de consciência. ²⁹Falo da consciência dele, não da vossa. Por que motivo a minha liberdade deveria ser julgada por outra consciência? ³⁰Se eu tomo alimento dando graças, porque seria eu censurado por alguma coisa, pela qual dou graças? ³¹Portanto, quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus. ³²Não vos torneis ocasião de escândalo, nem para judeus, nem para gregos, nem para a Igreja de Deus. ³³Fazei como eu, que me esforço por agradar a todos em todas as coisas, não procurando os meus interesses pessoais, mas o interesse do maior número de pessoas, a fim de que sejam

11 — ¹Sede meus imitadores, como também eu o sou de Cristo.

3. ASSEMBLEIAS LITÚRGICAS

O véu das mulheres — ²Elogio-vos, porque em todas as ocasiões vos lembrais de mim, e porque conservais as tradições conforme eu vo-las transmiti. ³ Todavia, quero que saibais que a cabeça de todo o homem é Cristo, que a cabeça da mulher é o homem, e a cabeça de Cristo é Deus. ⁴ Todo o homem que reza ou profetiza de cabeça coberta, desonra a sua cabeça. ⁵ Mas, toda a mulher que reza ou profetiza de cabeça descoberta, desonra a sua cabeça; é como se estivesse com a cabeça rapada. ⁶ Se a mulher não se cobre com o véu, mande cortar os cabelos. Mas, se é vergonhoso para uma mulher ter os cabelos cortados ou rapados, então cubra a cabeça. ⁷ O homem não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e a glória de Deus; mas a mulher é a glória do homem. ⁸ Pois o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher foi tirada do homem. ⁹ E o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher foi criada para o homem. ¹⁰ Sendo assim, a mulher deve trazer sobre a cabeça o sinal da sua dependência, por causa dos anjos. ¹¹ Portanto, diante do Senhor, a mulher é inseparável do homem, e o homem da mulher. ¹² Pois, se a mulher foi tirada do homem, o homem nasce da mulher, e tudo vem de Deus. ¹³ Julgai por vós mesmos: será conveniente que uma mulher reze a Deus sem estar coberta com o véu? ¹⁴ A própria natureza ensina que é desonroso para o homem ter cabelos compridos; ¹⁵ no entanto, para a mulher é glória ter longa cabeleira, porque os cabelos lhe foram dados como véu.

11,2-16: Para falar da dependência da mulher, aqui são usados os mesmos argumentos machistas dos mestres judeus. De repente, porém, Paulo nota que está a negar a igualdade de direitos entre os sexos e volta atrás (vv. 11-12), dando a entender que os argumentos aduzidos têm pouco valor.

17-34: O texto é o mais antigo testemunho sobre a Eucaristia: foi escrito no ano 56, dez anos antes dos Evangelhos. No início, a celebração eucarística fazia-se depois de uma ceia, onde todos repartiam os alimentos que cada um levava. Em Corinto surge um problema: nas celebrações há divisão de classes sociais e de mentalidades diferentes. Muitos chegam atrasados, provavelmente porque trabalhavam, e não encontram mais nada. Resultado: em vez de ser um testemunho de partilha, a celebração tornava-se lugar de ostentação, foco de discriminação e contrastes gritantes. A situação oferece oportunidade para um discernimento: quem é cristão de facto? Nesse contexto, Paulo relembra a instituição da Eucaristia. Ela é a memória permanente da morte de Jesus como dom de vida para todos (corpo e sangue). A Eucaristia é a celebração da Nova Aliança, isto é, da nova humanidade que nasce da participação no acto de Jesus, não só no culto, mas na vida prática. Por isso, a comunidade que celebra a Eucaristia anuncia o futuro de uma reunião de toda a Humanidade. Voltando ao problema, Paulo interpela a comunidade a examinar-se: Não será uma incoerência celebrar a Eucaristia quando na própria celebração se fazem distinções e se marginalizam os mais pobres? Anteriormente (10,17), Paulo salientara que, ao participar na Eucaristia, a comunidade forma um só corpo. Se a comunidade não entender isso («sem discernir o Corpo», v. 29), estará a celebrar a sua própria condenação, pois desligará a Eucaristia do seu antecedente e quedas suas consequências práticas: solidariedade e partilha. O julgamento do Senhor manifesta-se de dois modos: a própria Eucaristia torna-se testemunho contra a comunidade; ao mesmo tempo, a fraqueza, doença e morte de muitos membros testemunham a falta de partilha e solidariedade. Paulo termina com duas orientações práticas: esperar que todos cheguem para começar juntos a reunião (v. 33), e não transformá-la em ocasião de ostentação e gula (vv. 21 e 34).

¹⁶Contudo, se alguém quiser contestar, não temos esse costume, e nem as Igrejas de Deus. Eucaristia e coerência — ¹⁷Dito isto, não posso elogiar--vos, porque as vossas assembleias, em vez de vos ajudarem a progredir, prejudicam-vos. ¹⁸Antes de tudo, ouço dizer que, quando vos reunis em assembleia, há divisões entre vós. E, em parte, acredito nisso. ¹⁹É preciso mesmo que haja divisões entre vós, a fim de que se veja quem dentre vós resiste a essa prova.

²⁰De facto, quando vos reunis, o que fazeis não é comer a Ceia do Senhor, ²¹porque cada um se apressa a comer a sua própria ceia. E, enquanto um passa fome, outro fica embriagado. ²²Será que não tendes as vossas casas para nelas comer e beber? Ou desprezais a Igreja de Deus e que reis envergonhar aqueles que nada têm? Que devo dizer-vos? Devo elogiar-vos? Não! Neste ponto não vos elogio. ²³De facto, recebi pessoalmente do Senhor aquilo que vos transmiti: Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão ²⁴e, depois de dar graças, partiu-o e disse: «Isto é o meu corpo que será entregue por vós; fazei isto em memória de Mim». ²⁵Do mesmo modo, depois da Ceia, tomou também o cálice, dizendo: «Este cálice é a Nova Aliança no meu sangue; todas as vezes que beberdes dele, fazei-o em memória de Mim». ²⁶Portanto, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha.

²⁷Por isso, todo aquele que comer do pão ou beber do cálice do Senhor indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. ²⁸Portanto, cada um examine-se a si mesmo antes de comer deste pão e beber deste cálice, ²⁹pois aquele que come e bebe sem discernir o Corpo, come e bebe a própria condenação. ³⁰É por isso que entre vós há tantos fracos e enfermos, e muitos morreram. ³¹Se nos examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados; ³²mas o Senhor corrige--nos por meio dos seus julgamentos, para que não sejamos condenados com o mundo. ³³Em resumo, irmãos, quando vos reunirdes para a Ceia, esperai uns pelos outros. ³⁴Se alguém tem fome, coma em sua casa. Assim não vos reunireis para a vossa própria condenação. Quanto ao resto, darei instruções quando aí chegar.

12 Jesus é o Senhor — ¹Sobre os dons do ignorância. ²Sabeis que, quando éreis pagãos, vos sentíeis irresistivelmente arrastados para os ídolos mudos. ³Por isso, eu declaro-vos que ninguém, falando sob a acção do Espírito de Deus, jamais poderá dizer: «Maldito Jesus!» E ninguém poderá dizer: «Jesus é o Senhor!» a não ser sob a acção do Espírito Santo.

A Trindade gera a comunidade — ⁴Existem dons diferentes, mas o Espírito é o mesmo; ⁵diferentes serviços, mas o Senhor é o mesmo; ⁶diferentes modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. ⁷Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. ⁸A um, o Espírito dá a palavra de sabedoria; a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; ⁹a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; ¹⁰a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas; a outro ainda, o dom de as interpretar. ¹¹Mas é o único e mesmo Espírito quem realiza tudo isto, distribuindo os seus dons a cada um, conforme Ele quer.

A comunidade é o Corpo de Cristo — ¹²De facto, o corpo é um só, mas tem muitos membros; e no

12,1-3: Na efervescência carismática dos Coríntios existem traços pagãos. Estes reúnem-se para cultivar o espectacular e o fascínio pelo sobrenatural impregnado de mística pagã; isso acaba por se tornar um verdadeiro ópio. Paulo adverte: nem todas as manifestações de entusiasmo religioso provêm de Deus. Na mística cristã, o primeiro critério para discernir os verdadeiros dons do Espírito é reconhecer Jesus como Senhor.

4-11: A Trindade é a base sobre a qual a comunidade se constrói: nesta, toda a acção provém do Pai, todo o serviço provém de Jesus e todos os dons (= carismas) provêm do Espírito. Cada pessoa na comunidade recebe um dom, ou melhor, é um dom para o bem de todos. Por isso, cada um, sendo o que é e fazendo o que pode, age para o bem da comunidade, colocando-se ao serviço de todos como dom gratuito. Deste modo, cada um e todos se tornam testemunho e sacramento da acção, serviço e dom do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Paulo enumera apenas os carismas de direcção e ensino. A lista não é completa, pois cada pessoa é um carisma para a comunidade.

12-31: A imagem do corpo é usada para falar da unidade, diversidade e solidariedade que caracterizam a comunidade cristã. Esta é una, porque forma o corpo de Cristo, dado que todos receberam o mesmo baptismo e o mesmo Espírito, que produzem a comunhão e igualdade fundamental. Contudo, as pessoas são diferentes entre si; cada uma com a sua originalidade, contribui, de maneira indispensável, para a construção e crescimento de todos; portanto, não há lugar para complexos de superioridade ou inferioridade. O cimento da vida comunitária é a solidariedade, que faz que todos se voltem para cada um, principalmente para os mais fracos e necessitados, partilhando os sofrimentos e alegrias.

entanto, apesar de serem muitos, todos os membros do corpo formam um só corpo. Assim acontece também com Cristo. ¹³Pois todos fomos batizados num só Espírito para sermos um só corpo, quer sejamos judeus ou gregos, quer escravos ou livres. E todos bebemos de um só Espírito.

¹⁴O corpo não é feito de um só membro, mas de muitos. ¹⁵Se o pé diz: «Eu não sou mão; logo, não pertence ao corpo», nem por isso deixa de fazer parte do corpo. ¹⁶E se o ouvido diz: «Eu não sou olho; logo, não pertence ao corpo», nem por isso deixa de fazer parte do corpo. ¹⁷Se o corpo inteiro fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo ele fosse ouvido, onde estaria o olfacto? ¹⁸Deus é que dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade. ¹⁹Se o conjunto fosse um só membro, onde estaria o corpo? ²⁰Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo. ²¹O olho não pode dizer à mão: «Não preciso de ti»; e a cabeça não pode dizer aos pés: «Não preciso de vós». ²²Os membros do Corpo que parecem mais fracos são os mais necessários; ²³e aqueles membros do corpo que parecem menos dignos de honra, são os que cercamos de maior honra; e os nossos membros que são menos decentes, nós tratamo-los com maior decência; ²⁴os que são decentes, não precisam desses cuidados. Deus dispôs o corpo de modo a conceder maior honra ao que é menos nobre, ²⁵a fim de que não haja divisão no corpo, mas os membros tenham igual cuidado uns para com os outros. ²⁶Se um membro sofre, todos os membros participam do seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros participam da sua alegria.

²⁷Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois seus membros, cada um no seu lugar. ²⁸Aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, Apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres... A seguir vêm os dons dos milagres, das curas, da assistência, da direcção e o dom de falar em línguas. ²⁹Acaso, são todos Apóstolos? Todos profetas? Todos mestres? Todos realizam milagres?

³⁰Têm todos o dom de curar? Todos falam línguas? Todos as interpretam? ³¹Aspirai aos dons mais altos. Aliás, vou indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos.

13 ^{Acima de tudo, o amor}

¹ Ainda que eu falasse línguas,
as dos homens e dos anjos,
se não tivesse amor,
seria como sino ruidoso
ou como címbalo estridente.

² Ainda que tivesse o dom
da profecia,
o conhecimento de todos
os mistérios e de toda a ciência;
ainda que tivesse toda a fé,
a ponto de transportar montanhas,
se não tivesse amor, nada seria.

³ Ainda que eu distribuísse
todos os meus bens aos famintos,

13,1-13: O caminho que ultrapassa a todos os dons e ao qual todos os membros da comunidade devem aspirar é o amor. «Deus é amor» (1Jo 4,8), Jesus é o enviado do amor (Jo 3,16), e o centro do Evangelho é o mandamento do amor (Mc 12,28-34), que sintetiza toda a vontade de Deus (Rm 13,8-10). O amor é a fonte de qualquer comportamento verdadeiramente humano, pois leva a pessoa a discernir as situações e a criar gestos oportunos, capazes de responder adequadamente aos problemas. Os outros dons dependem do amor, não podem substituí-lo e sem ele nada significam. O amor é a força de Deus e também a força da pessoa aliada a Deus. É a fortaleza inexpugnável que sustenta o testemunho cristão, pois «tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta». O amor é eterno e transcende tempo e espaço, porque é a vida do próprio Deus, da qual o cristão já participa. É maior do que a fé e a esperança, que nele estão contidas.

ainda que entregasse
o meu corpo às chamas,
se não tivesse amor,
nada disso me adiantaria.

⁴ O amor é paciente,
o amor é prestativo;
não é invejoso, não se ostenta,
não se incha de orgulho.

⁵ Nada faz de inconveniente,
não procura o seu próprio interesse, não se
irrita, não guarda rancor.

⁶ Não se alegra com a injustiça,
mas regozija-se com a verdade.

⁷ Tudo desculpa, tudo crê,
tudo espera, tudo suporta.

⁸ O amor jamais passará.
As profecias desaparecerão,
as línguas cessarão,
a ciência também desaparecerá.

⁹ Pois o nosso conhecimento
é limitado;
limitada é também a nossa profecia.

¹⁰ Mas, quando vier a perfeição,
desaparecerá o que é limitado.

¹¹ Quando eu era criança,
falava como criança,
pensava como criança,
raciocinava como criança.
Depois que me tornei adulto,
deixei o que era próprio de criança.

¹² Agora vemos como em
espelho
e de maneira confusa;
mas depois veremos face a face.
Agora o meu conhecimento
é limitado,
mas depois conhecerei
como sou conhecido.

¹³ Agora, portanto,
permanecem estas três coisas:
a fé, a esperança e o amor.

14,1-25: Os carismas são úteis quando colaboram para o crescimento da comunidade, e não quando servem para a ostentação de quem os recebeu. Paulo recomenda vivamente a profecia e é restritivo quanto ao dom das línguas. A profecia é o dom pelo qual alguém, sob a inspiração do Espírito Santo, mostra a vontade de Deus dentro da situação presente, levando a comunidade à conversão e ao esclarecimento da fé. O dom das línguas é uma espécie de oração realizada em clima de êxtase religioso: a pessoa fala na reunião da comunidade com palavras incompreensíveis, ou repetindo sons desordenados e louvando a Deus em línguas desconhecidas, que um intérprete traduz. Paulo não condena o fenómeno de «falar em línguas»; mostra apenas a sua limitação e o ridículo em que a comunidade pode cair (v. 23).

A maior delas, porém, é o amor.

14 Carismas e bem comum — ¹Procurai o amor. Entretanto, aspirai aos dons do Espírito, principalmente à profecia. ²Pois aquele que fala línguas não fala aos homens, mas a Deus. Ninguém o entende, pois ele, em espírito, diz coisas incompreensíveis. ³Mas aquele que profetiza fala aos homens: edifica, exorta, consola. ⁴Aquele que fala línguas edifica-se a si mesmo, ao passo que aquele que profetiza edifica a assembleia. ⁵Eu desejo que todos vós faleis línguas, mas prefiro que profetizeis. Aquele que profetiza é maior do que aquele que fala línguas, a menos que ele mesmo as interprete, para que a assembleia seja edificada.

⁶Suponde, irmãos, que eu vá ter convosco falando em línguas: como vos seria útil, se a minha palavra não vos levasse nem revelação, nem ciência, nem profecia, nem ensino? ⁷O mesmo acontece com os instrumentos musicais, como a flauta ou a cítara: se não produzirem sons distintos, como reconhecer quem toca a flauta ou quem toca a cítara?

⁸E se a trombeta produzir um som confuso, quem se preparará para a guerra? ⁹Assim também vós: se a vossa linguagem não se exprime em palavras inteligíveis, como se poderá compreender o que dizeis? Sereis como quem fala ao vento. ¹⁰No mundo existem não sei quantas espécies de linguagem e não existe nada sem linguagem. ¹¹Ora, se eu não conheço a força da linguagem, serei como estrangeiro para aquele que fala, e aquele que fala será um estrangeiro para mim. ¹²Assim também vós: já que aspirais aos dons do Espírito, procurai tê-los em abundância para edificardes a Igreja.

¹³Por isso, aquele que fala em línguas deve rezar para que ele mesmo possa interpretá-las. ¹⁴Se rezo em línguas, o meu espírito está em oração, mas a minha inteligência não colhe fruto nenhum. ¹⁵O que fazer então? Rezarei com o meu espírito, mas rezarei também com a minha inteligência; cantarei com o meu espírito, mas cantarei também com a minha inteligência. ¹⁶De facto, se é apenas com o teu espírito que dás graças a Deus, como poderá o ouvinte não iniciado dizer «Ámen» ao agradecimento que fazes, uma vez que ele não sabe o que dizes? ¹⁷A acção de graças que fazes é sem dúvida valiosa, mas o outro não se edifica. ¹⁸Agradeço a Deus por falar em línguas mais do que todos vós. ¹⁹Numa assembleia, porém, prefiro dizer cinco palavras com a minha inteligência para instruir também os outros, que dizer dez mil palavras em línguas.

²⁰Irmãos, não sejais crianças quanto ao modo de julgar; sede crianças quanto à malícia, mas quanto ao modo de julgar sede adultos. ²¹Está escrito na Lei: «Falarei a este povo por meio de homens de outra língua e por meio de lábios estrangeiros, e mesmo assim eles não Me escutarão, diz o Senhor». ²²Portanto, as línguas são um sinal, não para os que acreditam, mas para os que não acreditam. A profecia, ao contrário, não é para os incrédulos, mas para os que acreditam. ²³Por exemplo: se a Igreja se reunir e todos falarem em línguas, será que os simples ouvintes e os incrédulos que entrarem não vão dizer que estais loucos? ²⁴Ao contrário, se todos profetizarem, o incrédulo ou o simples ouvinte que entrar sentir-se-á persuadido do seu erro por todos, julgado por todos; ²⁵e os segredos do seu coração serão desvendados; ele prostrar-se-á com o rosto por terra, adorará a Deus e proclamará que Deus está realmente no meio de vós.

A ordem nas reuniões — ²⁶Que fazer então, irmãos? Quando estais reunidos, cada um pode entoar um cântico, dar um ensinamento ou revelação, falar em línguas ou interpretá-las. Mas que tudo seja para edificação! ²⁷Se existe alguém que fale em línguas, falem dois ou no máximo três, um após o outro. E que alguém as interprete. ²⁸Se não há intérprete, que o irmão se cale na assembleia; fale a si mesmo e a Deus. ²⁹Quanto aos profetas, que dois ou três falem, e os outros profetas dêem o seu parecer. ³⁰Se alguém que está sentado recebe uma revelação, cale-se aquele que está a falar. ³¹Todos vós podeis profetizar, mas um após outro, para que todos sejam instruídos e encorajados. ³²Os espíritos dos profetas estão submissos aos profetas. ³³Pois Deus não é um Deus de desordem, mas de paz.

³⁴Que as mulheres fiquem caladas nas assembleias, como se faz em todas as Igrejas dos cristãos, pois

26-40: Parece que as reuniões da comunidade de Corinto eram muito desordenadas. Ninguém pedia a palavra, vários falavam ao mesmo tempo, e em tudo isto talvez sobressaíssem as mulheres. Por essa razão, Paulo convida-as a calarem-se. Os que tinham dons especiais julgavam-se superiores aos outros e não respeitavam a ordem mais elementar.

não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a Lei. ³⁵Se desejam instruir-se sobre algum ponto, perguntem aos maridos em casa; não é conveniente que a mulher fale nas assembleias. ³⁶Porventura a Palavra de Deus teve a sua origem em vós? Ou fostes vós os únicos que a recebestes? ³⁷Se alguém julga ser profeta ou inspirado pelo Espírito, reconheça um mandamento do Senhor nas coisas que vos escrevo. ³⁸Todavia, se alguém não reconhecer isso, é porque também não é reconhecido por Deus. ³⁹Portanto, irmãos, aspirai ao dom da profecia e não impeçais que alguém fale em línguas. ⁴⁰Mas que tudo seja feito de modo conveniente e com ordem.

4. A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

15 Cristo ressuscitado, fundamento da nossa fé — ¹Irmãos, lembro-vos o Evangelho que vos anunciei, que recebestes e no qual permaneceis firmes. ²É pelo Evangelho que sereis salvos, contanto que o guardeis do modo como eu volo anunciei; de contrário, tereis acreditado em vão. ³Transmiti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi, isto é: Cristo morreu pelos nossos pecados, conforme as Escrituras; ⁴foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras; ⁵apareceu a Pedro e depois aos Doze. ⁶Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez; a maioria deles ainda vive e alguns já morreram.

⁷Depois apareceu a Tiago e, a seguir, a todos os Apóstolos. ⁸Em último lugar apareceu-me também a mim, que sou um aborto. ⁹De facto eu sou o menor dos Apóstolos e não mereço ser chamado Apóstolo, pois persegui a Igreja de Deus. ¹⁰Mas aquilo que sou devo-o à graça de Deus; e a graça que Ele me deu não foi estéril. Pelo contrário: trabalhei mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo. ¹¹Portanto, aqui está o que nós pregamos, tanto eu como eles; aqui está aquilo em que vós acreditastes. Se os mortos não ressuscitam... — ¹²Ora, se nós pregamos que Cristo ressuscitou dos mortos, como é que alguns de vós dizem que não há ressurreição dos mortos? ¹³Se não há ressurreição dos mortos, então Cristo também não ressuscitou; ¹⁴e, se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é vazia e também é vazia a fé que tendes. ¹⁵Se os mortos não ressuscitam, então somos testemunhas falsas de Deus, pois testemunhamos contra Deus, quando dizemos que Deus ressuscitou a Cristo. ¹⁶Pois, se os mortos não ressuscitam, Cristo também não ressuscitou. ¹⁷E, se Cristo não ressuscitou, a fé que tendes é ilusória e ainda permaneceis nos vossos pecados. ¹⁸E, desse modo, aqueles que morreram em Cristo estão perdidos. ¹⁹Se a nossa esperança em Cristo é somente para esta vida, nós somos os mais infelizes de todos os homens.

15,1-11: A certeza da fé cristã baseia-se num facto: a ressurreição de Cristo. Paulo recorda o ensinamento tradicional da Igreja, e confirma-o enumerando as testemunhas que viram Cristo ressuscitado. Encontramos aqui os traços principais do Credo e, ao mesmo tempo, o mais antigo testemunho escrito sobre o ensinamento primitivo da Igreja a respeito das aparições de Jesus Cristo. 12-19: Em Corinto, alguns pensavam que, depois da morte, a alma imortal continuava a viver sozinha, abandonando a matéria e o corpo, que são considerados coisas más e inferiores. Outros pensavam que tudo terminava com a morte e que era melhor aproveitar o momento presente. Paulo mostra que ambas as opiniões são contrárias ao núcleo da fé cristã, porque se os mortos não ressuscitam verdadeiramente, nem Cristo ressuscitou.

20-28: Dois estados da Humanidade se opõem: o pecado e a morte, dos quais Adão é o símbolo; a graça e a vida, realizadas em Cristo (cf. Rm 5,17-21). A partir do pecado, existem na sociedade forças e estruturas que invertem o destino humano, desagregando, pervertendo, e até mesmo levando os homens à morte. Cristo foi morto por essas estruturas, mas Deus ressuscitou-O e deu-Lhe poder para as destruir. Após vencer essas forças, também a morte será vencida; então, o triunfo será definitivo. Unida a Cristo, a Humanidade estará de novo submetida a Deus e o Reino de Deus manifestar-se-á completamente.

29-34: Dois argumentos apoiam a fé na ressurreição: o baptismo pelos mortos e o testemunho cristão que não teme a morte. Quanto ao baptismo pelos mortos, trata-se de um rito desconhecido com que os cristãos procuravam assegurar a salvação dos seus parentes falecidos.

35-49: Não se pode imaginar a ressurreição como simples reviver, ou simples regresso às condições da vida terrestre. O ser humano passará para uma condição inteiramente nova: este corpo «animal», mortal, que nos foi transmitido pelos nossos pais, torna-se «espiritual», isto é, recebe vida nova do Espírito que Cristo nos dá. Paulo usa diversas imagens para nos dar a ideia da transfiguração pela qual passaremos. Nenhuma delas, porém, é capaz de dar uma ideia completa da misteriosa e real transformação que nos tornará semelhantes ao próprio Cristo ressuscitado.

50-53: Paulo imagina que Cristo há-de voltar antes que a sua geração morra; os mortos ressuscitarão e os que estiverem vivos serão transformados. Deste modo, ele salienta que a ressurreição não é apenas retorno à vida.

54-58: Depois que Cristo ressuscitou, nenhum tipo de morte terá a vitória final. Esta vitória de Cristo sobre a morte é também vitória contra o pecado, que introduz e alimenta a morte no mundo, e contra a lei, que mostra o que é pecado, mas não dá forças para o vencer. Quem acredita em Jesus ressuscitado pode cantar desde já o triunfo da vida.

Deus será tudo em todos — ²⁰Mas não! Cristo ressuscitou dos mortos como primeiro fruto dos que morreram. ²¹De facto, já que a morte veio através de um homem, também por um homem vem a ressurreição dos mortos. ²²Como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos receberão a vida. ²³Cada um, porém, na sua própria ordem: Cristo, como primeiro fruto; depois, aqueles que pertencem a Cristo, por ocasião da sua vinda. ²⁴A seguir, chegará o fim, quando Cristo entregar o Reino a Deus Pai, depois de ter destruído todo o principado, toda a autoridade, todo o poder. ²⁵Pois é preciso que Ele reine, até que tenha posto todos os seus inimigos debaixo dos seus pés. ²⁶O último inimigo a ser destruído será a morte, ²⁷pois Deus tudo colocou debaixo dos pés de Cristo. Mas, quando se diz que tudo Lhe será submetido, é claro que se deve excluir Deus, que tudo submeteu a Cristo. ²⁸E quando todas as coisas Lhe tiverem sido submetidas, então o próprio Filho Se submeterá Àquele que tudo Lhe submeteu, para que Deus seja tudo em todos.

O testemunho é prova da ressurreição — ²⁹Se não fosse assim, que ganhariam aqueles que se fazem baptizar em favor dos mortos? Se os mortos realmente não ressuscitam, porquê fazer-se baptizar em favor deles? ³⁰E nós mesmos, porque nos expomos ao perigo a todo o momento? ³¹Diariamente corro perigo de morte, tão certo, irmãos, quanto sois vós a minha glória em Jesus Cristo nosso Senhor. ³²Para mim, de que teria adiantado lutar contra os animais em Éfeso, se eu tivesse apenas interesses humanos? Se os mortos não ressuscitam, comamos e bebamos, pois amanhã morreremos. ³³Não vos deixeis iludir: as más companhias corrompem os bons costumes. ³⁴Voltai a viver a vida séria e correcta; e não pequeis. Pois alguns de vós ignoram tudo a respeito de Deus. Digo isto para que sintais vergonha.

Seremos semelhantes a Cristo ressuscitado — ³⁵Todavia alguém dirá: «Como é que os mortos ressuscitam? Com que corpo voltarão?» ³⁶Insensato! Aquilo que semeias não volta à vida, a não ser que morra. ³⁷E o que semeias não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas simples grão de trigo ou de qualquer outra espécie. ³⁸A seguir, Deus dá-lhe corpo como quer: Ele dá a cada uma das sementes o corpo que lhe é próprio. ³⁹Nenhuma carne é igual às outras: a carne dos homens é de um tipo, a dos animais é de outro, e de outro a das aves e de outro ainda a dos peixes. ⁴⁰Há corpos celestes e há corpos terrestres. O brilho dos celestes, porém, é diferente do brilho dos terrestres. ⁴¹Uma coisa é o brilho do Sol, outra o brilho da Lua, e outra o brilho das estrelas. E até de estrela para

SEGUNDA CARTA AOS CORÍNTIOS A FORÇA MANIFESTA-SE NA FRAQUEZA

INTRODUÇÃO

É difícil dar uma visão ordenada da segunda carta aos Coríntios. Isto porque esta carta é composta, provavelmente, de vários escritos que Paulo enviou aos Coríntios em ocasiões diferentes. Um facto é certo: o Apóstolo remeteu mais de duas cartas aos Coríntios; pelo menos quatro e um bilhete. Alguns dados ajudam a descobri-lo. Em 1Cor 5,9, Paulo diz que tinha escrito uma carta anterior, admoestando os Coríntios para que não tivessem relações com gente imoral. Em 2Cor 2,4, fala de uma carta severa e que, ao escrevê-la, « estava tão preocupado e aflito que até chorava ». Essas duas cartas, terão desaparecido ou podemos encontrá-las em algum lugar? Vamos por partes:

1. O trecho 2Cor 6,14 — 7,1 interrompe de certa maneira o contexto; se retirado, não faria falta e até a leitura correria melhor. Nesses versículos Paulo trata dos ídolos e da impiedade; por isso, alguns estudiosos pensam que se trata de um pedaço da carta mencionada em 1Cor 5,9.

16,1-4: Cf. notas em 2Cor 8-9.

5-18: Timóteo teve papel importante nas relações entre Paulo e a comunidade de Corinto (4,17; Act 15,41-16,5; 19,21-22). Apolo não quer voltar logo a Corinto, para não reagrupar um partido em torno do seu nome e do seu prestígio (1,12; 3,5-6; 4,6; Act 18, 24-19,1).

19-24: Marana-tá é expressão aramaica e significa «Vem, Senhor!» Entrou em uso na liturgia e exprime a espera da comunidade pela vinda gloriosa de Jesus.

2. Os capítulos 10-13 da segunda carta aos Coríntios têm tonalidade diferente dos capítulos anteriores. Paulo mostra-se severo e nota-se grande envolvimento emocional. Pode ser a carta de que ele fala em 2Cor 2,3.

3. No início de 2Cor 9, Paulo diz que é inútil escrever sobre o « serviço prestado aos cristãos», isto é, sobre a colecta. No entanto, o cap. 8 já tratara longamente sobre essa questão. Este cap. 9 seria então, um bilhete escrito posteriormente, que retoma o assunto da colecta.

Assim, temos em ordem cronológica:

A — 2Cor 6,14-7,1: fragmento da carta escrita antes da 1Cor.

B — Primeira carta aos Coríntios.

C — 2Cor 10-13: carta severa escrita entre lágrimas. Paulo defende ardorosamente a autenticidade do seu ministério, fazendo uma espécie de diário apaixonado da sua vida de Apóstolo. Os coríntios tinham-no pressionado, exigindo contas quanto à origem da sua vocação, à autenticidade do seu evangelho e à sinceridade do seu comportamento. Paulo reage magoado; mas, com firmeza e de coração aberto, expõe a sua vida. Deixa vir à tona a sua personalidade exuberante e contraditória: ele é forte e fraco, audaz e reservado, impetuoso e terno, mas sempre fiel à missão apostólica e plenamente convicto do evangelho que prega.

D — 2Cor 1-8: carta escrita depois da anterior

(C). Recorda os incidentes entre o Apóstolo e a comunidade de Corinto, em particular o caso de alguém que o teria injuriado pessoalmente. Tito fora enviado para resolver essa questão e voltara trazendo boas notícias sobre a reconciliação. No final (cap. 8), dá instruções sobre uma colecta para ajudar a Igreja de Jerusalém, que se encontrava em sérios apuros financeiros.

E — 2Cor 9: bilhete escrito pelo próprio Paulo, retomando o assunto da colecta, talvez endereçado às Igrejas da região de Corinto.

A sequência pode parecer complicada, mas permite compreender melhor os acontecimentos e o modo como Paulo reagiu às dificuldades suscitadas pela turbulenta comunidade de Corinto.

SEGUNDA CARTA AOS CORÍNTIOS

PRÓLOGO

1 Endereço e saudação — ¹Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, e o irmão Timóteo, à Igreja de Deus que está em Corinto, e também a todos os cristãos que se encontram por toda a Acaia. ²A graça e a paz vos sejam dadas da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

Solidariedade na perseguição — ³Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação! ⁴Ele nos consola em todas as nossas tribulações, para que possamos consolar os que estão em qualquer tribulação, através da consolação que nós mesmos recebemos de Deus. ⁵Na verdade, assim como os sofrimentos de Cristo são numerosos para nós,

1,1-2: Timóteo acompanha Paulo na segunda e na terceira viagem, participando na fundação da comunidade em Corinto (1,19; cf. Act 18,5). É Timóteo que mantém a ligação entre Paulo e essa comunidade (1Cor 4,17; 16,10-11).

3-11: Paulo conheceu a perseguição e sentiu o medo da morte próxima; teve a experiência da incompreensão e rejeição, até mesmo por parte das comunidades por ele fundadas. Nisso tudo, ele descobre aspectos da tribulação, que caracteriza a condição cristã (cf. nota em Rm 5,1-11). Todavia, ele firma-se numa convicção profunda: a alegria de estar nas mãos do Senhor e participar da própria condição de Jesus. A palavra consolação é repetida nove vezes, para significar a libertação interior, a força reencontrada, a mudança de situação, a experiência de ser sustentado por Deus. Nos momentos difíceis, confirma-se a solidariedade dos cristãos, porque todos pertencem ao mesmo corpo de Cristo.

assim também é grande a nossa consolação por meio de Cristo. ⁶Se somos atribulados é para vossa consolação e salvação. Se somos consolados, é para vossa consolação, para que possais suportar os mesmos sofrimentos que também nós padecemos. ⁷E a nossa esperança a vosso respeito é firme, pois sabemos que, se participais dos nossos sofrimentos, também haveis de participar da nossa consolação. ⁸Irmãos, não queremos que ignoreis isto: a tribulação que sofremos na Ásia fez-nos sofrer muito, para além das nossas forças, a ponto de perdermos a esperança de sobreviver. ⁹Sim, nós sentíamo-nos como condenados à morte: a nossa confiança já não podia estar apoiada em nós, mas em Deus que ressuscita os mortos. ¹⁰Foi Deus que nos libertou dessa morte e dela nos libertará; n'Ele colocamos a esperança de que ainda nos libertará da morte. ¹¹Para isso vós ides colaborar através da oração. Deste modo, a graça que obteremos pela intercessão de muitas pessoas provocará a acção de graças de muitos em nosso favor.

I. A VISITA ADIADA

Consciência limpa — ¹²Este é o nosso motivo de orgulho: o testemunho da consciência de que nos comportámos no mundo, e mais particularmente em relação a vós, com a santidade e sinceridade que vêm de Deus. Não foram razões humanas que nos moveram, mas a graça de Deus. ¹³De facto não há nada em nossas cartas além daquilo que ledes e compreendeis. E espero que compreendais plenamente, ¹⁴assim como em parte já nos compreendestes que somos para vós motivo de glória, assim como vós o sereis para nós, no Dia do Senhor Jesus.

Firme e fiel — ¹⁵Animado por esta certeza, eu pretendia em primeiro lugar ir ter convosco, para que recebêsseis uma segunda graça; ¹⁶depois seguiria para a Macedónia; e, finalmente, da Macedónia iria outra vez ter convosco, a fim de que me preparásseis a viagem para a Judeia. ¹⁷Será que fui leviano ao fazer este projecto? Será que os meus planos foram inspirados por objectivos puramente humanos, de tal modo que em mim existe «sim e não» ao mesmo tempo? ¹⁸Deus é testemunha fiel de que a palavra que vos dirigimos não é «sim e não». ¹⁹De facto, Jesus Cristo, o Filho de Deus, que eu, Silvano e Timóteo vos anunciámos, não foi «sim e não», mas unicamente «sim». ²⁰Todas as promessas de Deus encontraram n'Ele o seu sim; por isso, é por meio d'Ele que dizemos «Ámen» a Deus, para a glória de Deus. ²¹Quem nos fortalece juntamente convosco em Cristo e nos dá a unção, é Deus. ²²Deus marcou-nos com um selo e colocou em nossos corações a garantia do Espírito. Não dominar a fé — ²³Quanto a mim, invoco a Deus como testemunha da minha vida: foi para vos poupar que não voltei a Corinto. ²⁴Não é nossa intenção dominar a fé que tendes, mas colaborar para que tenhais alegria. Quanto à fé, vós estais firmes.

2 ¹Por isso, preferi não ir visitar-vos, para não provocar tristeza. ²De facto, se vos causo tristeza, quem me dará alegria? Somente vós, a quem entristeci. ³A finalidade da minha carta era evitar que, ao chegar, eu experimentasse tristeza daqueles que me deveriam proporcionar alegria. Quanto a vós, estou convencido de que a minha alegria é também a alegria de todos vós. ⁴De facto, quando escrevi, estava tão preocupado e aflito que até chorava; não pretendia entristecer-vos, mas escrevi

12-14: Já houve muitos mal-entendidos entre a comunidade e Paulo. Este pede que ninguém procure subentendidos nas suas cartas, nem segundas intenções nos seus actos.

15-22: Paulo prometera voltar a Corinto, mas não fora possível, e por isso foi mal interpretado. Ele mostra, porém, que é firme e fiel, como verdadeiro discípulo de Jesus (cf. Mt 5,36). Se estivesse a enganar os Coríntios, estaria a trair a sua própria fidelidade a Jesus, que foi sempre fiel à vontade de Deus. A seguir, lembra o rito do baptismo, que incorpora os fiéis a Cristo, tornando-os participantes do mistério da Trindade.

1,23-2,13: Paulo explica porque escreveu uma carta, em vez de realizar a visita prometida. Nada sabemos sobre os pormenores do incidente. O Apóstolo foi contestado por alguém que se opôs aos seus colaboradores. Na sua opinião, uma visita poderia aumentar a problemática, enquanto uma carta levaria à reflexão e reconciliação. Foi o que aconteceu: a comunidade puniu o culpado e este reconheceu o próprio erro. Agora, deve prevalecer o amor. A referida carta (2,3) perdeu-se ou encontra-se nos caps. 10-13 da presente carta (cf. Introdução). A sequência dos acontecimentos será retomada em 7,5.

2,14-17: O Apóstolo relembra o triunfo do Evangelho que se espalha através do testemunho vivo dos missionários. Esse Evangelho apresenta o testemunho de Jesus Cristo, para provocar uma opção decisiva: para a vida ou para a morte, para o verdadeiro sentido da vida ou para uma alienação completa. Quem poderia arrogar-se o direito de exercer tal missão sem ser chamado por Deus?

para que compreendais o imenso amor que vos tenho. ⁵Se alguém causou tristeza, não foi a mim, mas de certo modo (não vamos exagerar) a todos vós. ⁶Para tal pessoa, basta o castigo que a comunidade resolveu impor-lhe. ⁷Mas agora é melhor que lhe perdoeis e o consoleis, para que ele não fique sob o peso de tristeza excessiva. ⁸Peço-vos, portanto, que deis provas de amor a essa pessoa. ⁹Realmente, ao escrever-vos, eu queria pôr à prova a vossa obediência e verificar se era uma obediência total. ¹⁰A quem vós perdoais, eu também perdoo. Se perdoei — na medida que tinha de perdoar — fi-lo diante de Cristo em vosso favor. ¹¹Deste modo, não seremos enganados por Satanás, pois não ignoramos as suas intenções. ¹²Cheguei então a Tróade para lá pregar o Evangelho de Cristo. Embora o Senhor me tivesse aberto uma grande porta, ¹³não tive paz de espírito, pois não encontrei o meu irmão Tito. Por isso despedi-me deles e parti para a Macedónia.

II. GRANDEZA E FRAQUEZA DOS APÓSTOLOS

Quem está à altura? — ¹⁴Graças sejam dadas a Deus, que nos faz participar do seu triunfo em Cristo e que, através de nós, espalha o perfume do seu conhecimento no mundo inteiro. ¹⁵De facto, diante de Deus nós somos o bom perfume de Cristo entre aqueles que se salvam e entre aqueles que se perdem: ¹⁶para uns, perfume de morte para a morte; para outros, perfume de vida para a vida. E quem estaria à altura de tal missão? ¹⁷Nós não somos como aqueles que falsificam a Palavra de Deus; pelo contrário, é com sinceridade e como enviados de Deus que falamos a respeito de Cristo na vossa presença.

3 A comunidade testemunha a autenticidade do Apóstolo — ¹Vamos começar de novo a fazer recomendação de nós mesmos? Ou precisamos de vos apresentar cartas de recomendação, como fazem alguns? Ou, então, pedir-vos essa carta? ²A nossa carta de recomendação sois vós mesmos, carta escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens. ³De facto, é evidente que sois vós uma carta de Cristo, da qual nós fomos o instrumento; carta escrita, não com tinta, mas nas tábuas de carne do vosso coração.

⁴Esta é a convicção que temos diante de Deus, graças a Cristo. ⁵Não nos atreveríamos a pensar que esta obra é devida a algum mérito nosso; pelo contrário, é de Deus que vem a nossa capacidade. ⁶Foi Ele que nos tornou capazes de sermos ministros de uma aliança nova, não aliança da letra, mas do Espírito; pois a letra mata e o Espírito é que dá a vida.

A nova aliança liberta e transfigura — ⁷O ministério da morte, gravado com letras sobre a pedra, ficou tão marcado pela glória, que os israelitas não podiam fixar os olhos no rosto de Moisés, por causa do fulgor que nele havia — fulgor, aliás, passageiro. ⁸Quanto mais glorioso não será o ministério do Espírito! ⁹Na verdade, se o ministério da condenação foi glorioso, muito mais glorioso será o ministério da justiça. ¹⁰Mesmo a glória que aí se verificou já não pode ser considerada glória, em comparação com a glória actual, que lhe é muito superior. ¹¹De facto, se foi marcado pela glória o que é passageiro, com maior razão há-de ser glorioso o que é permanente.

¹²Fortalecidos por tal esperança, estamos plenamente confiantes: ¹³nós não fazemos como Moisés que colocava um véu sobre a face para que os filhos de Israel não percebessem o fim daquilo que era passageiro... ¹⁴No entanto, o seu entendimento ficou obscurecido. Sim, até hoje, quando eles lêem o Antigo Testamento, esse mesmo véu permanece; não é retirado, porque é em Cristo que ele desaparece.

¹⁵Sim, até hoje, todas as vezes que lêem Moisés, há um véu sobre o seu coração. ¹⁶Somente pela con-

3,1-6: O que confirma a autenticidade da missão de um Apóstolo não é uma simples carta de recomendação dada por autoridades externas, mas o testemunho vivo da comunidade, que foi reunida e evangelizada pelo Apóstolo. É assim que se constitui a nova aliança anunciada pelos profetas e escrita pelo Espírito na vida dos homens e dos povos (cf. Jr 31,31-33; Ez 11,19).

7-18: Paulo contrapõe a antiga e a nova aliança. A primeira, que foi concluída por Moisés, tinha valor passageiro e era aliança de morte; de facto, a Lei denuncia o pecado, mas não dá forças para o vencer. Comentando o véu de Moisés (cf. Êx 34,29-35), Paulo afirma que o mesmo véu cobre agora o rosto dos judeus, que absolutizam a aliança antiga e não compreendem ser Cristo a aliança nova e definitiva, que conduz à vida como força de libertação e fonte de liberdade. A luz do Ressuscitado reflecte-se na vida dos fiéis e transfigura-a de forma cada vez mais profunda.

versão ao Senhor é que o véu cai, ¹⁷pois o Senhor é o Espírito; e onde se acha o Espírito do Senhor, aí existe a liberdade. ¹⁸E nós que, com a face descoberta, reflectimos como num espelho a glória do Senhor, somos transfigurados nessa mesma imagem, cada vez mais resplandecente pela acção do Senhor, que é Espírito.

4 O Apóstolo é testemunha de Cristo — ¹É este o nosso ministério que nos foi concedido pela misericórdia de Deus; por isso, não perdemos a coragem. ²Dissemos «não» aos procedimentos secretos e vergonhosos, não agimos com astúcia, nem falsificámos a Palavra de Deus. Ao contrário, manifestando a verdade, recomendamos-nos diante de Deus à consciência de cada homem. ³Portanto, se o nosso Evangelho continua obscuro, está obscuro para aqueles que se perdem, ⁴para os incrédulos, cuja inteligência o deus deste mundo obscureceu a fim de que não vejam brilhar a luz do Evangelho da glória de Cristo, de Cristo que é a imagem de Deus. ⁵Não pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, Senhor. Quanto a nós mesmos é como vos-sos servos que nos apresentamos, por causa de Jesus. ⁶Pois o Deus que disse: «Do meio das trevas brilhe a luz!», foi Ele mesmo que reluziu em nossos corações para fazer brilhar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo.

Fraqueza do Apóstolo e força de Deus — ⁷Todavia, esse tesouro trazemo-lo em vasos de barro, para que todos reconheçam que esse incomparável poder pertence a Deus e não é propriedade nossa. ⁸Somos atribulados por todos os lados, mas não desanimamos; somos postos em extrema dificuldade, mas não somos vencidos por nenhum obstáculo; ⁹somos perseguidos, mas não abandonados; prostrados por terra, mas não aniquilados. ¹⁰Sem cessar e por toda a parte levamos no nosso corpo a morte de Jesus, a fim de que também a vida de Jesus se manifeste no nosso corpo. ¹¹De facto, embora estejamos vivos, somos a toda a hora entregues à morte por causa de Jesus, a fim de que também a vida de Jesus se manifeste na nossa carne mortal. ¹²Deste modo, em nós opera a morte; e, em vós, a vida.

¹³Animados pelo mesmo espírito de fé, sobre o qual está escrito: «Acreditei, por isso falei», também nós acreditamos e por isso falamos. ¹⁴Pois sabemos que Aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos ressuscitará com Jesus e nos colocará ao lado d'Ele juntamente convosco. ¹⁵E tudo isto se realiza em vosso favor, para que a graça, multiplicando-se entre muitos, faça transbordar a acção de graças para a glória de Deus.

A morte é passagem para a vida definitiva — ¹⁶É por isso que nós não perdemos a coragem. Pelo contrário: embora o nosso físico se vá desfazendo, o nosso homem interior vai-se renovando a cada dia. ¹⁷Pois a nossa tribulação momentânea é leve, em relação ao peso extraordinário da glória eterna que ela nos prepara. ¹⁸Não procuramos as coisas visíveis, mas as invisíveis; porque as coisas visíveis duram apenas um momento, enquanto as invisíveis duram para sempre.

4,1-6: Escolhido para o ministério da nova aliança, o Apóstolo não pode falsificar o Evangelho em busca de uma glória pessoal. Iluminado por Cristo, ele torna-se, pelo testemunho, luz para iluminar toda a consciência que não se deixa seduzir pelos deuses deste mundo, isto é, pelas forças que pervertem a vida humana.

7-15: A vida de Paulo parece frustração e fracasso diante do êxito que os novos mestres de doutrina conseguem. O prestígio fácil, porém, não é sinal de Evangelho autêntico. Este provoca sempre conflitos e perseguições, fazendo que a testemunha participe do caminho de Jesus em direcção à morte e à ressurreição. E um primeiro aspecto dessa ressurreição já se manifesta no testemunho vivo da comunidade, que foi gerada pelo testemunho do Apóstolo, cuja fraqueza humana se torna instrumento da força de Deus.

4,16-5,10: Para quem não tem fé, a morte é o fim de tudo. Mas, para quem está comprometido na fé e segue a Jesus, a morte é uma passagem para a dimensão definitiva da vida. O nosso corpo mortal desgasta-se e desfaz-se na vida terrestre; mas, através da ressurreição, Deus leva o nosso ser à vida plena. Paulo emprega uma imagem muito familiar no Oriente: quando retomam a caminhada, os nómadas do deserto desmontam a tenda do acampamento porque o deserto não é a sua moradia estável. O mesmo acontece connosco: este mundo é o lugar onde vivemos e construímos a nossa história, cujo fim é a comunhão e participação na própria vida divina.

5 ¹Nós sabemos: quando a nossa morada terrestre, a nossa tenda for desfeita, receberemos de Deus uma habitação no Céu, uma casa eterna não construída por mãos humanas. ²Por isso, suspiramos neste nosso estado, desejosos de vestir o nosso corpo celeste; ³e isso será possível se formos encontrados vestidos, e não nus. ⁴Pois nós, que estamos nesta tenda, gememos acabrunhados, porque não queremos ser despojados da nossa veste, mas revesti-la por cima desta, e, assim, aquilo que é mortal seja absorvido pela vida. ⁵E quem para isso nos preparou foi Deus, o qual nos deu a garantia do Espírito.

⁶Por esta razão, estamos sempre confiantes, sabendo que enquanto habitamos neste corpo, estamos fora de casa, isto é, longe do Senhor, ⁷pois caminhamos pela fé e não pela visão... ⁸Sim, estamos cheios de confiança e preferimos deixar a mansão deste corpo, para irmos morar junto do Senhor. ⁹Em todo o caso, quer fiquemos na nossa morada, quer a deixemos, esforçamo-nos por agradar ao Senhor. ¹⁰De facto, todos deveremos comparecer diante do tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba a recompensa daquilo que tiver feito durante a sua vida no corpo, tanto para o bem, como para o mal.

Ao serviço do Evangelho — ¹¹Portanto, compenetrados do temor do Senhor, procuramos convencer os homens. Somos plenamente conhecidos por Deus; espero que também sejamos plenamente conhecidos pela vossa consciência. ¹²Não nos recomendamos novamente a vós, mas queremos apenas dar-vos ocasião de vos orgulhardes de nós, a fim de que possais dar uma resposta àqueles que se gloriam somente pelas aparências e não pelo que está no coração. ¹³Se perdemos o bom senso, foi por causa de Deus; se nos comportámos com sensatez, foi por vossa causa.

O ministério da reconciliação — ¹⁴O amor de Cristo é que nos impulsiona, quando consideramos que um só morreu por todos, e conseqüentemente todos morreram. ¹⁵Ora, Cristo morreu por todos, e assim, aqueles que vivem, já não vivem para si, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou. ¹⁶Por isso, doravante não conhecemos mais ninguém pelas aparências. Mesmo que tenhamos conhecido Cristo segundo as aparências, agora já não O conhecemos assim. ¹⁷Se alguém está em Cristo, é nova criatura. As coisas antigas passaram; eis que uma realidade nova apareceu. ¹⁸Tudo isto vem de Deus, que nos reconciliou consigo por meio de Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação. ¹⁹Pois era Deus quem reconciliava consigo mesmo o mundo por meio de Cristo, não levando em conta os pecados dos homens e colocando em nós a Palavra da reconciliação. ²⁰Sendo assim exercemos a função de embaixadores em nome de Cristo, e é por meio de nós que o próprio Deus vos exorta. Em nome de Cristo, suplicamos: reconciliai-vos com Deus. ²¹Aquele que nada tinha a ver com o pecado, Deus fê-lo por causa de nós, a fim de que por meio d'Ele sejamos reabilitados por Deus.

6 ¹Visto que somos colaboradores de Deus, nós vos exortamos para que não recebais a graça de Deus em vão. ²Pois Deus diz na Escritura: «Eu escutei-te no tempo favorável, e no dia da salvação vim em teu auxílio». É agora o momento favorável. É agora o dia da salvação.

Sustentado pela força de Deus — ³Da nossa parte, evitamos dar qualquer motivo de escândalo, para que o nosso ministério não seja criticado. ⁴Pelo contrário, em tudo nos recomendamos como ministros de Deus: pela grande perseverança nas tribulações, necessidades, angústias, ⁵açóites, prisões,

5,11-13: Os Coríntios estão divididos: uns reprovam os excessos de Paulo; outros acham-no prudente de mais. De facto, ele sabe tomar propositadamente atitudes contraditórias: entrega-se totalmente ao serviço do Evangelho; e, ao mesmo tempo, sabe agir com moderação em favor dos Coríntios. Na realidade, ele é guiado por uma só convicção: anunciar e testemunhar o Evangelho.

5,14-6,2: Os inimigos de Paulo dizem que ele não é Apóstolo porque não foi testemunha ocular da vida terrestre de Jesus, nem Lhe conheceu as palavras e actos. Por isso, não pode ser testemunha do Evangelho. No entanto, o Apóstolo mostra que o Evangelho não é a simples história de Jesus, mas o anúncio da sua morte e ressurreição, que restaura a condição humana, vence a alienação causada pelo pecado e inaugura uma nova era. A cruz de Jesus anuncia o fim da inimizade com Deus e inaugura uma nova era de reconciliação universal. Enquanto esperamos o dia da ressurreição, Deus escolheu Apóstolos para exercer o ministério da reconciliação. Por meio deles, o Senhor Jesus continua a sua actividade na Terra e convoca todos os homens: «reconciliai-vos com Deus».

6,3-10: A veracidade de um Apóstolo está no seu empenho total pela obra de Deus. Aquilo que o distingue é o contraste entre as riquezas da sua alma apaixonada e os modestos recursos humanos de que dispõe. É por isso que o Apóstolo se apresenta sempre como sinal de contradição dentro da sociedade.

desordens, fadigas, vigílias e jejuns; ⁶pela pureza, ciência, paciência e bondade, pela actuação do Espírito Santo, pelo amor sem fingimento, ⁷pela palavra da verdade, pelo poder de Deus, pelas armas ofensivas e defensivas da justiça; ⁸na glória e no desprezo, na boa e na má fama; tidos como impostores e, no entanto, dizendo a verdade; ⁹como desconhecidos e, no entanto, conhecidos; como agonizantes e, no entanto, estamos vivos; como castigados e, no entanto, livres da morte; ¹⁰como tristes e, no entanto, sempre alegres; como indigentes e, no entanto, enriquecendo a muitos; nada tendo, mas tudo possuindo.

III. RESTABELECIMENTO DAS RELAÇÕES

De coração aberto — ¹¹Coríntios, digo-vos com franqueza: o meu coração está aberto para vós. ¹²E em mim, não falta lugar para vos acolher, mas em troca tendes o coração estreito. ¹³Pagai-nos com a mesma moeda. Falo-vos como a filhos; abri também o vosso coração! Não volteis atrás — ¹⁴Não vos submetais ao mesmo jugo com os infiéis. Que relação pode haver entre justiça e iniquidade? Que união pode haver entre luz e trevas? ¹⁵Que harmonia pode haver entre Cristo e Belial? Que relação entre quem acredita e quem não acredita? ¹⁶Que há de co-mum entre o templo de Deus e os ídolos? Ora, nós somos o templo do Deus vivo, como disse o próprio Deus: «Habitarei no meio deles e com eles caminharei. Serei o seu Deus e eles serão o meu povo. ¹⁷Portanto, saí do meio dessa gente e afastai-vos dela, diz o Senhor. Não toqueis naquilo que é impuro e Eu vos acolherei. ¹⁸Serei para vós um Pai e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor todo-poderoso».

7 ¹Caríssimos, já que temos tais promessas, vamos purificar-nos de toda a mancha do corpo e do espírito. E levemos a cabo a nossa santificação no temor de Deus. A tristeza que produz transformação — ²Acolhei-nos nos vossos corações. Não fizemos injustiça a ninguém, a ninguém causamos dano, a ninguém explorámos. ³Não digo isto para vos condenar, porque já vos disse: «Vós estais no nosso coração para a vida e para a morte». ⁴A minha confiança em vós é grande; e eu orgulho-me muito de vós. Estou cheio de consolação, transbordando de alegria no meio de todas as nossas tribulações.

⁵Na verdade, quando chegámos à Macedónia, a nossa pobre pessoa não teve um momento de sossego; sofremos toda a espécie de tribulação: por fora, lutas; por dentro, temores. ⁶Deus, porém, que consola os humildes, confortou-nos com a chegada de Tito. ⁷E não somente com a chegada dele, mas também pelo conforto que ele tinha recebido de vós. Contou-nos que tínheis profundo carinho, que estáveis sentidos com o que acontecera e que vos preocupáveis comigo. E eu fiquei muito contente.

⁸Se vos causei tristeza com a minha carta, não me arrependo. E se a princípio me arrependi — pois vejo que essa carta vos entristeceu, embora por pouco tempo — ⁹agora alegro-me, não por vos haver entristecido, mas porque a tristeza fez que vos arrependêsseis. Entristecestes-vos segundo Deus, e assim não sofrestes nenhum dano da nossa parte. ¹⁰De facto, a tristeza que vem de Deus produz arrependimento que leva à salvação e não volta atrás; a tristeza segundo este mundo produz a morte. ¹¹Vede antes o que produziu em vós a tristeza que vem de Deus: quantas desculpas, quanta indignação, que temor, que desejo ardente, que afecto, que punição! Demonstrastes, de todos os modos, que estáveis inocentes naquela questão. ¹²Numa palavra: se vos escrevo, não foi por causa daquele que me injuriou, nem por do ofendido, mas para que ficasse bem claro entre vós, diante de Deus, quanto vos sentis preocupados por nós. ¹³Foi por isso que nos sentimos confortados.

Mas, além desse conforto pessoal, alegrei-me muito ao ver que Tito estava contente devido à maneira como o recebestes e tranquilizastes. ¹⁴Se diante dele me gloriei de vós, não tive de que me envergonhar. Assim como sempre vos dissemos a verdade, ficou igualmente comprovado que era verdadeiro o elogio que de vós fizemos a Tito. ¹⁵Ele sente por vós afecto ainda maior, ao lembrar-se da vossa

11-13: Após o longo parêntese formado por 2,14-6,10, Paulo volta a reflectir sobre a situação da comunidade.

6,14-7,1: O trecho seria mais compreensível em 1Cor 5,9, onde Paulo fala de recado anterior: os fiéis não se misturem com aqueles que se comportam mal, isto é, com os irmãos que voltaram aos costumes pagãos (cf. Introdução).

7,2-16: Paulo recorda o problema que havia surgido e a carta anterior, e que deve ter sido bastante enérgica (cf. 2,1-11), tanto que fez com que os Coríntios se arrependessem, aderissem a Paulo e se indignassem contra os inimigos. Aqui revela-se a profunda afectividade deste missionário, que se entrega de corpo e alma à evangelização.

obediência e de como o acolhestes com temor e tremor. ¹⁶Alegro-me, portanto, de poder confiar em vós, aconteça o que acontecer.

IV. COLECTA PARA OS CRISTÃOS DE JERUSALÉM

8 O exemplo dos cristãos da Macedónia — ¹Irmãos, agora damo-vos a conhecer a graça que Deus concedeu às Igrejas da Macedónia. ²No meio de muitas tribulações que puseram à prova essas Igrejas, com grande alegria, apesar da sua extrema pobreza, transbordaram em riquezas de generosidade. ³Eu sou testemunha de que eles, conforme os seus meios e até além dos seus meios, com toda a espontaneidade ⁴e com muita insistência, nos rogaram a graça de tomarem parte nesse serviço em favor dos cristãos. ⁵Ultrapassando as nossas expectativas, eles entregaram-se primeiramente ao Senhor, e pela vontade de Deus, também a nós. ⁶Por isso, rogámos a Tito que termine essa obra de generosidade, que ele já havia começado entre vós.

O exemplo de Cristo — ⁷Em tudo vós sobressaís: na fé, no dom da palavra, no conhecimento e entusiasmo, além do amor que tendes por nós. Pois então, procurai também distinguir-vos nessa obra de generosidade. ⁸Não digo isto para vos impor uma ordem. Se vos falo do exemplo de outros, é para vos dar ocasião de provar a sinceridade do amor que tendes. ⁹De facto, conheceis a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo; Ele, embora fosse rico, tornou-Se pobre por vossa causa, para com a sua pobreza vos enriquecer. ¹⁰A propósito, vou dar-vos uma sugestão, e é o que vos convém, já que fostes os primeiros, desde o ano passado, não só a realizar, mas também a querer realizar essa obra. ¹¹Agora, portanto, executai-a até ao fim, de modo que a essa boa disposição da vontade corresponda a realização, segundo os vossos meios. ¹²Quando existe boa vontade, somos bem aceites com os recursos que temos; pouco importa o que não temos. ¹³Não queremos que o alívio para os outros seja causa de aflição para vós; mas que haja igualdade. ¹⁴Neste momento, o que vos sobra vai compensar a carência deles, a fim de que o supérfluo deles venha um dia compensar a vossa carência. Assim haverá igualdade, ¹⁵como está na Escritura: «A quem recolhia muito, nada lhe sobrava; e a quem recolhia pouco, nada lhe faltava».

Recomendações — ¹⁶Graças sejam dadas a Deus, que colocou no coração de Tito o mesmo zelo por vós. ¹⁷Ele acolheu o meu pedido e, mais apressado que nunca, vai espontaneamente ter convosco. ¹⁸Enviámos, juntamente com ele, esse irmão que é elogiado em todas as Igrejas, pela pregação do Evangelho. ¹⁹Mais ainda: foi escolhido pelas Igrejas para ser nosso companheiro de viagem nesta obra de generosidade, serviço que empreendemos para dar glória ao Senhor e realizar as nossas boas intenções.

²⁰Tomámos esta precaução para evitar qualquer crítica na administração da grande quantia que nos confiaram. ²¹De facto, estamos preocupados com o bem, não somente aos olhos de Deus, mas também diante dos homens. ²²Junto com os representantes, enviámos também o nosso irmão, cuja dedicação muitas vezes e de muitos modos temos experimentado e que agora se mostra muito mais disposto, já que deposita plena confiança em vós. ²³Quanto a Tito, ele é meu companheiro e colaborador junto de vós, ao passo que os nossos irmãos são os enviados das Igrejas, as quais são a glória de Cristo. ²⁴Portanto, diante das Igrejas, dai-lhes provas do vosso amor, e fazei que eles vejam como é justo o motivo do nosso orgulho a respeito de vós.

9 Deus ama a quem dá com alegria — ¹Quanto ao serviço a ser prestado aos cristãos, é inútil que vos escreva. ²Conheço a vossa boa vontade e elogiei-a junto dos macedónios, dizendo-lhes: «A

8,1-24: No ano 48, houve grande fome na Judeia e em Jerusalém (Act 11,28), por causa da colheita fraca do ano precedente, que tinha sido sabático, no qual os judeus não semeiam, para que a terra possa descansar. Para atender à situação, organizou-se uma ajuda económica em Jerusalém, Paulo prometeu que, nas suas missões entre os pagãos, daria atenção aos irmãos de Jerusalém (cf. Gl 2,10). Aqui ele aconselha as Igrejas de Corinto e da sua província a realizarem a colecta que já haviam decidido fazer (cf. 1Cor 16,1). Salienta que essa ajuda material é uma graça de Deus, muito maior para quem oferece do que para quem recebe. Além disso, como se tratava de somas elevadas, Paulo preocupa-se que a colecta seja administrada por pessoas de confiança.

Acaia está preparada desde o ano passado.» E o vosso zelo tem servido de estímulo para a maioria das Igrejas. ³Entretanto, envie-vos os nossos irmãos, a fim de que o elogio que fiz de vós não seja desmentido nesse ponto e para que — como eu dizia antes — estejais realmente preparados. ⁴Se alguns macedônios fossem comigo e não vos encontrassem preparados, essa plena confiança seria motivo de nos envergonharmos, para não dizer que seria motivo de vos envergonhardes. ⁵Julguei, portanto, necessário pedir aos irmãos que fossem à nossa frente ter convosco e organizassem as ofertas já prometidas; uma vez recolhidas, tais ofertas seriam sinal de autêntica generosidade e não demonstração de avareza.

⁶Lembra-vos disto: quem semeia com mesquinhez, com mesquinhez há-de colher; quem semeia com generosidade, com generosidade há-de colher. ⁷Cada um dê conforme decidir em seu coração, sem pena ou constrangimento, porque Deus ama a quem dá com alegria. ⁸Deus pode enriquecer-vos com toda a espécie de graças, para que tenhais sempre o necessário em tudo e ainda sobre alguma coisa para poderdes colaborar em qualquer boa obra, ⁹conforme diz a Escritura: «Ele distribuiu e deu aos pobres; a sua justiça permanece para sempre».

¹⁰Deus, que dá semente ao semeador, também dará o pão em alimento; multiplicar-vos-á a semente, e ainda fará crescer o fruto da vossa justiça. ¹¹E sereis enriquecidos de todos os modos para praticardes toda a espécie de generosidade, que provocará a acção de graças a Deus por meio de nós. ¹²De facto, o serviço desta colecta não deve apenas remediar as necessidades dos cristãos, mas há-de ser ocasião de dar efusivas acções de graças a Deus. ¹³Tal serviço será para eles uma prova; e eles agradecerão a Deus pela obediência que professais ao Evangelho de Cristo e pela generosidade com que repartis os bens com eles e com todos. ¹⁴Manifestarão a sua ternura, rezando por vós por causa da graça extraordinária que Deus vos concedeu. ¹⁵Graças sejam dadas a Deus pelo seu dom extraordinário.

V. DEFESA DE PAULO

10 Recomendado pelos homens ou por Deus? — ¹Sou eu mesmo, Paulo, quem vos suplica com a mansidão e a bondade de Cristo. Eu que sou «tão humilde quando estou no meio de vós e tão prepotente quando estou longe». ²Rogo-vos que não me obrigueis, quando eu estiver aí em pessoa, a mostrar-me prepotente, recorrendo à audácia com que pretendo agir contra aqueles que nos julgam, como se nos comportássemos com interesses humanos. ³Embora seja homem, não luto por interesses humanos. ⁴De facto, as armas da nossa luta não são humanas; o seu poder vem de Deus e são capazes de destruir fortalezas. Nós destruimos os raciocínios presunçosos ⁵e qualquer poder altivo que se levante contra o conhecimento de Deus. Obrigamos toda a inteligência a obedecer a Cristo, ⁶e estamos dispostos a punir qualquer desobediência, desde que a vossa obediência seja perfeita. ⁷Olhai as coisas de frente. Se alguém está convencido de pertencer a Cristo, tome consciência,

9,1-15: Volta o tema da colecta, como se nada tivesse sido dito no capítulo anterior. Na opinião de alguns estudiosos, Paulo escreveu também um bilhete dirigido às Igrejas da região de Corinto. É possível que 2Cor 9 seja esse bilhete, colocado aqui por tratar o mesmo assunto do cap. 8 (cf. Introdução). Toda esta preocupação pela colecta em favor dos necessitados da comunidade de Jerusalém demonstra que, desde o início, a questão económica também fazia parte do testemunho cristão. A partilha e a solidariedade em favor dos mais pobres não se manifestava só na própria comunidade, mas era sinal de unidade entre as diversas comunidades. Este intercâmbio material não era questão periférica da fé, mas autêntico veículo de comunicação do «dom extraordinário» de Deus (v. 15) e obediência ao Evangelho de Cristo (v. 13).

10-13: Nestes capítulos o tom torna-se severo e violento. Como a vida cristã e a autenticidade do Evangelho se acham ameaçadas, Paulo enfrenta alguns missionários que procuram desacreditá-lo e repreende os cristãos que deram ouvidos a calúnias. É provável que estes capítulos pertençam à carta severa, da qual se fala em 2Cor 2,3 (cf. Introdução).

10,1-18: Paulo conhece a imagem que dele fazem os novos e pretensos missionários: de longe, cheio de severidade; de perto, fraco e tímido; numa palavra, alguém que não possui qualificações para ser Apóstolo. Contudo, ele vive uma convicção diferente: a sua missão não é dominar os homens, mas ganhá-los para Cristo unicamente com a força da Palavra de Deus, que é capaz de «destruir fortalezas». Paulo mostra que esses «super-apóstolos» se aproveitam do trabalho que ele realiza; ao mesmo tempo, critica os Coríntios por lhes darem atenção, preocupando-o e impedindo de evangelizar outros lugares. Com isso, os Coríntios acabam por se tornar um obstáculo e não um auxílio para a propagação do Evangelho. A comunidade precisa de saber distinguir entre o verdadeiro e o falso evangelizador.

de uma vez por todas, de que assim como ele pertence a Cristo, também nós pertencemos a Cristo. ⁸E ainda que eu me orgulhasse um pouco mais do poder que Deus nos deu para edificar e não para vos destruir, eu não me envergonharia disso. ⁹Não quero dar a impressão de vos estar a ameaçar com as minhas cartas, ¹⁰pois, como dizem alguns, «as cartas são duras e fortes, mas a presença dele é fraca e a sua palavra é desprezível». ¹¹Aquele que diz isso fique sabendo que, assim como somos pela linguagem e por carta quando estamos ausentes, tais seremos por nossos actos quando estivermos presentes. ¹²É verdade que não temos a ousadia de nos igualar ou de nos comparar a alguns que fazem recomendação de si mesmos, que se tornam insensatos, porque se medem de acordo com a sua própria medida e se comparam a si mesmos. ¹³Quanto a nós, não nos orgulharemos além da justa medida; ao contrário, tomaremos como medida a própria regra que Deus nos assinalou: a de termos chegado até vós. ¹⁴Não nos gloriaremos indevidamente, como seria o caso se não tivéssemos chegado até vós, pois na verdade fomos até vós anunciando o Evangelho de Cristo. ¹⁵Não nos orgulhamos desmedidamente, apoiados em trabalhos alheios. E temos a esperança de que, com o progresso da vossa fé, cresceremos mais e mais segundo a nossa regra. ¹⁶Desse modo, levaremos o Evangelho para além das fronteiras da vossa região, sem contudo entrarmos em campo alheio, para não nos orgulharmos de trabalhos realizados por outros, como se fossem feitos por nós. ¹⁷Quem se orgulha, que se orgulhe no Senhor. ¹⁸Pois é aprovado não aquele que faz recomendação de si próprio, mas aquele que Deus recomenda.

11 Fidelidade ao único Senhor — ¹Oxalá pudésseis suportar um pouco da minha loucura! É claro que me suportais! ²Sinto por vós um ciúme semelhante ao ciúme de Deus. Eu entregueivos a um único esposo, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura. ³Receio, porém, que assim como a serpente, com a sua astúcia, seduziu Eva, os vossos pensamentos se corrompam, desviando-se da simplicidade devida a Cristo. ⁴De facto, se chega alguém e vos prega um Jesus diferente d'Aquele que vos pregámos, ou se vós acolheis um espírito diferente d'Aquele que recebestes, ou um evangelho diverso daquele que abraçastes, vós o suportais de bom grado. ⁵ Todavia, não me considero inferior em coisa alguma a esses «superapóstolos!» ⁶Ainda que eu não seja hábil no falar, eu sou-o no saber. Em tudo e de todos os modos, já demonstrámos isso.

Acção pastoral desinteressada — ⁷Será que foi um erro meu humilhar-me para vos exaltar, porque vos anunciei gratuitamente o Evangelho de Deus? ⁸Despojei outras Igrejas, recebendo delas o necessário para viver, a fim de vos servir. ⁹E quando passei necessidade entre vós, não fui pesado a ninguém, porque os irmãos que vieram da Macedónia supriram às minhas necessidades. Em tudo evitei ser-vos pesado e continuarei a evitá-lo. ¹⁰Pela verdade de Cristo que está em mim, declaro que esse título de glória não me será tirado nas regiões da Acaia. ¹¹E porquê? Será porque não vos amo? Deus o sabe!

¹²O que faço, continuarei a fazê-lo, a fim de tirar qualquer pretexto àqueles que procuram algum para se gabarem dos mesmos títulos que nós temos. ¹³Esses tais são falsos apóstolos, operários fraudulentos, disfarçados de apóstolos de Cristo. ¹⁴E não é de estranhar! O próprio Satanás se disfarça em anjo de luz! ¹⁵Por isso, não me surpreendo de que os ministros de Satanás se disfarcem como servidores da justiça. Mas o fim deles corresponderá às suas obras.

Títulos que testemunham — ¹⁶Repito: que ninguém me considere louco, ou então: que me suportem como louco, a fim de que também eu possa gabar-me um pouco. ¹⁷O que vou dizer, não o direi conforme o Senhor, mas como louco, certo de que tenho motivos para me gabar. ¹⁸Visto que muitos se gabam dos seus títulos humanos, também eu vou gabar-me. ¹⁹Vós, assim tão sensatos, suportais de boa vontade os loucos. ²⁰E suportais que vos escravizem, que vos devorem, que vos despojem, que

11,1-6: Como um pai conduz a filha ao noivo para o casamento, Paulo conduziu a comunidade de Corinto a Cristo. Agora ele teme que essa Igreja se deixe seduzir por falsos apóstolos, que apresentam evangelhos diferentes. A imagem do matrimónio exprime intimidade e pertença. Para o Apóstolo, cada comunidade está profundamente ligada a Jesus, seu Senhor único e exclusivo; e ninguém tem o direito de se apoderar de uma comunidade cristã.

7-15: O auxílio financeiro que Paulo recebe destina-se à evangelização e não a ele próprio. Além disso, frequentemente ele prefere exercer o ministério de maneira gratuita, para que não haja críticas ou objecções ao seu único interesse: servir as comunidades sob a sua coordenação. Em Corinto, provia ao seu sustento fabricando tendas (cf. Act 18,3).

vos tratem com soberba, que vos esbofeteiem. ²¹Digo isto para vossa vergonha: até parece que nós é que somos fracos...

Aquilo que outros têm a ousadia de apresentar — falo como louco — eu também tenho. ²²São hebreus? Eu também. São israelitas? Eu também. São descendentes de Abraão? Eu também. ²³São ministros de Cristo? Falo como louco: eu sou-o muito mais. Muito mais pelas fadigas; muito mais pelas prisões; infinitamente mais pelos açoites; frequentemente em perigo de morte; ²⁴dos judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. ²⁵Fui flagelado três vezes; uma vez fui apedrejado; três vezes naufraguei; passei um dia e uma noite no alto mar. ²⁶Fiz muitas viagens. Sofri perigos nos rios, perigos por parte dos ladrões, perigos por parte dos meus irmãos de raça, perigos por parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos por parte dos falsos irmãos. ²⁷Mais ainda: morto de cansaço, muitas noites sem dormir, fome e sede, muitos jejuns, com frio e sem agasalho. ²⁸E isto para não contar o resto: a minha preocupação quotidiana, a atenção que tenho por todas as Igrejas. ²⁹Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem cai, sem que eu me sinta com febre?

³⁰Se é preciso gabar-se, é da minha fraqueza que vou gabar-me. ³¹O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é bendito para sempre, sabe que não minto. ³²E m Damasco, o governador do rei Aretas guardava a cidade dos damascenos com a intenção de me prender; ³³mas fizeram-me descer de uma janela, ao longo da muralha, dentro de um cesto; e assim eu escapei das mãos dele.

12 Uma experiência extraordinária — ¹É preciso gabar-se? Embora não convenha, vou mencionar as visões e revelações do Senhor. ²Conheço um homem em Cristo que há catorze anos foi arrebatado ao terceiro céu. Se estava em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei, Deus o sabe. ³Sei apenas que esse homem — se no corpo ou fora do corpo não sei; Deus o sabe! — ⁴foi arrebatado até ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não são permitidas ao homem repetir. ⁵Quanto a esse homem, eu gabarme- ei; mas quanto a mim, só vou gabar-me das minhas fraquezas. ⁶Se eu quisesse gabar--me, não seria louco, pois estaria a dizer a verdade. Mas não o faço, a fim de que ninguém tenha de mim conceito superior àquilo que vê em mim ou me ouve dizer.

Na fraqueza manifesta-se a força — ⁷Para que eu não me inchasse de soberba por causa dessas revelações extraordinárias, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás para me espancar, a fim de que eu não me encha de soberba. ⁸Por esse motivo, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. ⁹Ele, porém, respondeu-me: «Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder». Portanto, com muito gosto, prefiro gabar-me das minhas fraquezas, para que a força de Cristo habite em mim. ¹⁰E é por isso que eu me alegro nas fraquezas, humilhações, necessidades, perseguições e angústias, por causa de Cristo. Pois, quando sou fraco, então é que sou forte.

16-33: Paulo não abusa da sua autoridade de Apóstolo para se impor às comunidades. Os títulos que apresenta de si próprio, mais do que diplomas que possam dar prestígio pessoal, são as suas lutas, sofrimentos, preocupações e perseguições, pelas quais passou no incansável trabalho de evangelização. A sua compaixão pelos mais fracos recomenda-o acima de todos os «super-apóstolos» que usam os seus títulos para explorar as comunidades por onde passam.

12,1-6: Esta experiência talvez seja a base de toda a vida missionária de Paulo. Deve ter acontecido no ano 42, na Síria ou na Cilícia (cf. Act 11,25), cinco anos depois da conversão. Trata-se duma experiência espiritual, em que o Apóstolo contemplou a transcendência divina, que nenhuma palavra humana jamais poderá descrever.

7-10: Não se sabe ao certo ao que Paulo se refere quando fala de «espinho na carne». Trata-se talvez de alguma doença que multiplica as dificuldades da sua vida apostólica. Ele experimenta um paradoxo: é na sua fraqueza que se manifesta a força de Deus.

11-18: As características do verdadeiro apóstolo são: paciência a toda a prova, testemunho dado pela Palavra que se traduz em testemunho prático, acção desinteressada e gratuita, sinceridade e veracidade, dedicação total.

12,19-13,4: As agitações na comunidade agravaram o relaxamento que Paulo já lamentara na primeira carta. Agora está decidido a punir os culpados aplicando as medidas que são comuns em outras Igrejas (cf. Mt 18,16).

13,5-10: O essencial é que os Coríntios se convertam. Depois disso, a ameaça de intervenção com autoridade será apenas uma vaga lembrança. Se eles se converterem, Paulo não terá de usar o seu poder. Os Coríntios parecerão fortes, e Paulo fraco e derrotado, porque os adversários continuarão a dizer que as suas ameaças são puramente verbais. No entanto, ele não busca vitória nem sucesso pessoal; prefere a última hipótese, humilhante para ele, mas gloriosa para os fiéis.

Características de um Apóstolo — ¹¹Procedi como louco! Mas vós é que me forçastes a isso. Mas vós é que me devíeis recomendar. Pois, embora eu não seja coisa alguma, em nada esses «superapóstolos» são superiores a mim. ¹²De facto, realizaram-se entre vós os sinais do verdadeiro Apóstolo: paciência a toda a prova, sinais, milagres e prodígios. ¹³O que é que tivestes menos do que as outras Igrejas, se não o facto de que eu não fui pesado para vós? Perdoai-me esta injustiça! ¹⁴Estou pronto para ir ter convosco pela terceira vez. E não vos serei pesado, pois o que procuro não são os bens que possuís, mas vós mesmos. Não são os filhos que devem acumular bens para os pais, mas sim os pais para os filhos. ¹⁵Quanto a mim, de boa vontade me gastarei e me desgastarei totalmente em vosso favor. Será que dedicando--vos mais amor, serei por causa disso menos amado?

¹⁶«Tudo bem», dirão alguns. Eu não vos fui pesado, mas, esperto como sou, conquistei-vos com fraude! ¹⁷Acaso vos explorei através de algum daqueles que